UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

WILLIAM DIEGO MONTECINOS

**A questão da modernidade árabe (*alḥadāṭa*) mediante os *Cantos de Mihyar*, O
Damasceno (1961) do poeta sírio Adonis**

Versão corrigida

São Paulo

2020

WILLIAM DIEGO MONTECINOS

A questão da modernidade árabe (*alḥadāṭa*) mediante os *Cantos de Mihyar, O Damasceno* (1961) do poeta sírio Adonis

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Michel Sleiman

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M772q Montecinos, William Diego
A Questão da Modernidade Árabe
(alḥadāṯa) mediante os Cantos de
Miyyar, O Damasceno (1961) do poeta sírio Adonis /
William Diego Montecinos ; orientador Michel
Sleiman. - São Paulo, 2020.
90 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Árabe.

1. LÍNGUA ÁRABE . 2. poesia árabe moderna. 3.
poeta Adonis. 4. literatura árabe. 5. tradução
poética. I. Sleiman, Michel, orient. II. Título.

fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do aluno: William Diego Montecinos

Data da defesa: 02/04/2020

Nome do Prof. orientador: Michel Sleiman

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 10 /06 / 2020

(Assinatura do orientador)

Agradecimentos

Expresso infinita gratidão a todos que contribuíram de muitas maneiras, para a realização desta pesquisa, em especial:

aos meus pais, Victoria Che sy rohaihu; Seu Juan munakuyki

aos meus irmãos amados: Aninha, Ingre, Dede e Juan Victor, Rolf e Bruno

a meu orientador, Michel Sleiman, por sua ilimitada paciência, apoio e ensinamentos

à minha querida Lí,

aos queridos amigos Elder, Pedrão, Rê, Zeus, Alê, Bia, Daniel, Nasser, Felipe, Zuni, Stephanie, Kal, Renan, Derlis, Jorge

aos queridos professores, fundamentais nessa jornada Safa Alferd Abou Chahla Jubran, Mamede Mustafa Jarouche, Mona Mohamad Hawi, Miguel Attie Filho, Maurício Santana

à equipe da Caritas – SP, e aos colegas da AFROCHAMBER,

às instituições Vampire Hause, Mamba Negra e Sangra Muta,

ao Zawya Cineclube

Agradeço

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – pela concessão de bolsa de estudo.

RESUMO

MONTECINOS, W. D. **A questão da modernidade árabe (*alḥadāṭa*) mediante os *Cantos de Mihyar, O Damasceno* (1961) do poeta sírio Adonis**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Esta dissertação tem como objetivo evidenciar as características que definem o discurso da modernidade poética árabe presentes no momento de renovação estilística dessa poesia, que se manifesta durante os anos 1940 e 1950 inicialmente em Bagdá, repercutindo, em seguida, na Palestina, no Egito, na Síria e no Líbano, com destaque para as atividades em torno do Movimento do Verso Livre e a Revista *Šīr*. Junto à pesquisa será feita a tradução de uma seleta de poemas do livro *Cantos de Mihyar, o Damasceno* (1961) buscando uma linguagem em português que espelhe aspectos modernistas dos poemas em árabe, adequando-se ao que se entende nas literaturas em língua portuguesa como uma poesia moderna e inovadora.

Palavras chave: Adonis, Poesia Árabe Moderna, Tradução Poética

ABSTRACT

MONTECINOS, W. D. **The question of Arab modernity (*alḥadāṭa*) through the *Songs of Mihyar, The Damascene* (1961) by the Syrian poet Adonis.** 2020. Dissertation (Master's) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This dissertation aims to highlight the characteristics that define the discourse of Arab poetic modernity present in the moment of stylistic renewal of this poetry, which is revealed during the 1940s and 1950s initially in Baghdad, then reverberating in Palestine, Egypt, Syria and Lebanon, with emphasis on activities around the Free Verse Movement and *Šīr* Magazine. Along with the research, a selection of poems from the book *Song of Mihyar, the Damascen* (1961) will be translated, looking for a language in Portuguese that represents modernist aspects of the poems in Arabic, adapting to what is understood in Portuguese language literature as modern and innovative poetry.

Keywords: Adonis, Modern Arabic Poetry, Poetic Translation

Sumário

Tabela de transliteração.....	2
Guia de pronúncia para a transliteração	4
1 Introdução	5
2 A questão da modernidade árabe (<i>alḥadāṭa</i>)	9
2.1 A poesia árabe moderna pós <i>Nahḍa</i>	14
2.2 Movimento do Verso livre e Revista <i>Šīʿr</i>	15
3 Cantos de Mihyar, o Damasceno	22
3.1 Tradução e Poesia.....	22
3.2 Quem é Mihyar?	23
3.3 Não é estrela	26
3.4 Revolução da linguagem	27
3.5 Presença da Tradição na Modernidade.....	30
3.5.1 <i>Šaddad</i>	30
3.5.2 Novo Noé	34
3.5.3 O mito de Sísifo	37
3.5.4 Salmo	40
4 Considerações finais	44
5 Seleta de poemas de Cantos de Mihyar, o Damasceno.....	47
6 Bibliografia	82

Os nomes próprios e termos árabes serão transliterados de acordo com o artigo *Para uma Romanização Padronizada de Termos Árabes em Textos de Língua Portuguesa*, (JUBRAN, 2004), conforme tabela apresentada abaixo: ° ā š

Tabela de transliteração

Letra	Nome	Transliteração
ا	ālīf	ā / a ¹
ب	bāʾ	b
ت	tāʾ	t
ث	ṭāʾ	ṭ
ج	jīm	j
ح	ḥāʾ	h
خ	ḫāʾ	ḫ
د	dāl	d
ذ	ḏhāl	ḏ
ر	rāʾ	r
ز	zāy	z
س	sīn	s
ش	šīn	š
ص	ṣād	ṣ
ض	ḏād	ḏ

¹ Em casos em que a palavra tenha *alef maksura* indicaremos com a letra “a” com crase, como em Mustafā.

ط	ṭā'	ṭ
ظ	ḏā'	ḏ
ع	‘ayn	ʿ ²
غ	ḡayn	ḡ
ف	fā'	f
ق	qāf	q
ك	kāf	k
ل	lām	l
م	mīm	m
ن	nūn	n
ه	hā'	h
و	wāw	ū / w
ي	yā'	ī / y
ء	hamzah	ʾ ³

² Quando a palavra se inicia com a letra ‘ayn e é nome próprio, manteremos em letra maiúscula a letra seguinte, como em ʿĀd.

³ Não iremos transliterar a hamzah, caso esteja em começo de palavra, como é o caso de Aḥmad e uḥra.

Guia de pronúncia para a transliteração

<p>b como o <i>b</i> do português <i>bala</i></p> <p>t como o <i>t</i> do português <i>tatu</i></p> <p>ṭ como o <i>th</i> do inglês <i>think</i></p> <p>j como o <i>j</i> do português <i>janela</i></p> <p>ḥ como o <i>h</i> do inglês <i>heart</i>, aspirado e pronunciado de forma enfática</p> <p>ḵ como o <i>j</i> do espanhol <i>Juan</i></p> <p>d como o <i>d</i> do inglês <i>dad</i></p> <p>ḏ como o <i>th</i> do inglês <i>that</i></p> <p>r como o <i>r</i> do português <i>aranha</i></p> <p>s como o <i>s</i> do português <i>sol</i>, ou o dígrafo <i>ss</i> no português <i>assim</i></p> <p>š como o <i>sh</i> do inglês <i>shine</i></p> <p>ṣ como o <i>s</i> pronunciado de modo enfático</p> <p>ḍ como o <i>d</i> pronunciado de modo enfático</p> <p>ṭ como o <i>t</i> pronunciado de modo enfático</p> <p>ḏ como o <i>th</i> pronunciado de modo enfático</p>	<p>ʿ parada gutural pronunciada com uma constrição na laringe</p> <p>ġ como o <i>r</i> no francês parisiense <i>Paris</i></p> <p>q k gutural, pronunciado na parte de trás da garganta</p> <p>k como o <i>k</i> no inglês <i>key</i></p> <p>l como o <i>l</i> do inglês <i>Larry</i></p> <p>m como o <i>m</i> do português <i>margarida</i></p> <p>n como o <i>n</i> do inglês <i>nice</i></p> <p>h como o <i>h</i> do inglês <i>Harry</i></p> <p>ʾ parada glotal</p> <p>w como o <i>w</i> do inglês <i>war</i></p> <p>y como o <i>i</i> do português <i>igreja</i></p> <p>Vogais</p> <p>ā vogal longa a</p> <p>a como <i>a</i> do português <i>alto</i></p> <p>ū vogal longa u</p> <p>u como o <i>u</i> do português <i>uva</i></p> <p>ī vogal longa i</p> <p>i como o <i>i</i> do português <i>ilha</i></p>
---	---

1 Introdução

Como os verdadeiros poetas de todos os tempos, como Homero, como Virgílio, como Dante, o que cantam (os poetas modernos) é a época em que vivem. E é por seguirem os velhos poetas que os poetas modernistas são tão novos (ANDRADE, 1972, p. 208).

A determinação dos critérios que definem as concepções sobre o que é tradicional e moderno, no campo da literatura, depende de parâmetros que não são estáticos, e se alteram de uma cultura para outra. Apesar disso, podemos reconhecer comportamentos modernos em autores de contextos distintos, mas que compartilham uma visão em comum com relação à cultura e à composição poética.

Em seu projeto modernista para a literatura brasileira, o poeta Mário de Andrade (1893 – 1945)⁴ reconhecia a importância da tradição ocidental na exploração da identidade nacional, além de promover o diálogo com o patrimônio cultural de diferentes povos que habitavam o que hoje se conhece como Brasil. A citação destacada acima sintetiza um olhar sobre o modernismo brasileiro que integra o legado cultural do passado com as inovações criativas do presente, estabelecendo uma conexão entre a modernidade e a criatividade, relação presente também na literatura árabe.

A definição de modernidade na literatura árabe, tema que abordaremos neste trabalho, se pauta em critérios intrínsecos à sua formação, que remonta aos primórdios

⁴ O poeta, escritor, crítico literário, folclorista paulista Mário de Andrade (1893 – 1945) foi um dos principais responsáveis pelo movimento Modernista Brasileiro, e teve participação na realização da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, que foi fundamental para lançar as inovações artísticas que irão se acontecer no resto do país.

do Islã e foram, ao longo do tempo, atualizando-se na medida em que novos questionamentos foram feitos a esse respeito.

Na cultura árabe, a presença da tradição, possui um significado de profunda relevância, não só porque se perpetua em relatos, símbolos e valores, mas também porque atua através deles no presente por meio da linguagem.

Desse modo, é pertinente levarmos em consideração a relação intrínseca que se estabelece entre a religião e a língua árabe. Pagã antes do islã, a língua árabe se tornou divina através da revelação do Alcorão representando a Palavra de Deus na terra (HAYDAR, 1981, p. 53). A poesia já não fazia mais parte da expressão da verdade, como cantavam os poetas pré-islâmicos; a partir do momento que a religião chegou aos domínios da inspiração poética, tornou-se a única fonte de conhecimento, combatendo qualquer dissidência que colocasse em risco tal alegação. Portanto, podemos considerar que a poesia árabe moderna se configura em um nível de ruptura que contempla o âmbito religioso e linguístico.

Partindo da relação entre religião, poesia e linguagem esta dissertação tem o intuito de apresentar um panorama da questão da modernidade na cultura árabe, em especial na poesia no período pós *Nahḍa*, termo que pode ser traduzido como renascimento, e representa um momento de renovação da literatura árabe após um longo período de estagnação concernente à criação de uma poesia de caráter inovador. O escopo de nossa pesquisa envolve o discurso de renovação estilística da linguagem poética árabe que se iniciou durante os anos 1940 e 1950 inicialmente em Bagdá, repercutindo, em seguida, na Palestina, no Egito, na Síria e no Líbano, com destaque para as atividades em torno do Movimento do Verso Livre e a da Revista *Šīr*.

No primeiro capítulo, abordaremos a modernidade árabe (*alḥadāṭa*) sob a perspectiva conceitual, levando em conta as possíveis conotações relacionadas a seu

significado quando referido em um contexto religioso e literário. Será apresentada, aqui, a problematização do conceito de modernidade proposta pelo poeta sírio Adonis (1930-) que reconhece um sentido negativo na prevalência da tradição religiosa sobre a cultura árabe, perpetuando um olhar cerceador sobre a realidade. Em seguida, iremos destacar alguns dos principais eventos que contribuíram no desenvolvimento da poesia árabe moderna desde o fim do século XIX com a *Nahḍa*, até o Movimento do Verso Livre, em meados da década de 1950.

Cantos de Mihyar, o Damasceno, livro publicado por Adonis em 1961, é o tema do segundo capítulo, no qual, evidenciaremos alguns dos elementos que consideramos representativos do que foi efetivamente o modernismo árabe posterior ao movimento da *Nahḍa*.

A obra escolhida destaca-se no âmbito da literatura árabe por trazer inovações estilísticas que rompem com as normas métricas tradicionais, dando ênfase ao ritmo e à musicalidade interna e diversa de cada verso, além de trazer temas míticos e religiosos. Com esses poemas, Adonis inaugura uma série de inovações formais que irá desenvolver ao longo de sua criação poética, sobretudo no aspecto da linguagem ao promover uma releitura da tradição, com a presença de poemas em prosa e o verso livre, estabelecendo, assim, uma nova direção para a poesia árabe.

A título de fornecer mais elementos da obra foco deste estudo, e como se trata de livro praticamente inédito no Brasil e na língua portuguesa, salvo os poemas que compõem o primeiro capítulo do livro reunidos na antologia pioneira em português preparada e traduzida por Michel Sleiman (ADONIS, 2012), disponibilizamos uma seleção nossa de 61 dentre os 141 poemas do livro, que traduzimos e apresentamos acompanhados dos respectivos textos originais em árabe na parte final desta dissertação.

Cabe ainda dizer nestas linhas iniciais algumas palavras sobre o poeta de que nos ocuparemos. Adonis, pseudônimo de ‘Alī Aḥmad Sa‘īd Isbīr, nascido na aldeia de Qasabin no noroeste da Síria em 1930, é um dos principais representantes da literatura contemporânea.

O autor tem exercido um papel fundamental nas discussões que abordam as questões do legado cultural árabe e da modernidade através de atividade literária. É um dos proponentes do secularismo na sociedade árabe ao considerar que o predomínio do pensamento religioso na cultura é um dos principais fatores que impedem os avanços da modernidade e, assim, de renovações e criações.

De seus primeiros livros até hoje, o poeta revela uma constante exploração das possibilidades da linguagem poética: sem atar-se a nenhuma métrica formal ou à rigidez de estilo, sua obra é composta por poemas curtos e longos, poemas em prosa e em verso, poemas ritmados, embora sem métrica, além de trazer elementos da poesia pré-islâmica, do legado clássico árabe e do experimentalismo das vanguardas europeias. Por conta da proposta de universalidade da poesia, sua obra constrói um elo cultural entre o Oriente e o Ocidente, dissolvendo, assim, a dicotomia dessa separação.

Sua produção artística e crítica, integralmente em língua árabe, inclui a publicação de uma vintena de livros de poemas, além de ensaios, crítica literária, antologias e traduções feitas, sobretudo a partir do francês, segunda língua do poeta que vive em Paris desde o início da década de 1980. Até onde pudemos averiguar, existem várias traduções de sua obra ao mesmo francês, bem como ao inglês, espanhol, alemão, chinês e português.

2 A questão da modernidade árabe (*alḥadāṭa*)

Ao nos acercarmos da questão da modernidade (*alḥadāṭa*) no âmbito da literatura árabe, devemos levar em consideração os diferentes sentidos associados ao contexto específico de sua expressão.

Podemos considerar que a manifestação de um algum tipo de comportamento moderno na sociedade árabe esteve presente desde sua formação. Como prática literária, associa-se principalmente à poesia e passou por momentos de grande expressão, principalmente durante os séculos VIII, IX e X d. C. / II, III e IV H., e de estagnação, inicialmente com a queda de Bagdá, em 1258, estendendo-se até o período de ocupação Otomana que é marcado com a invasão da Síria em 1516 e do Egito em 1517. A partir do século XIX, a questão da modernidade retoma sua relevância na literatura impulsionada pela influência das transformações que ocorriam na Europa nos campos científicos e culturais e por uma redescoberta do patrimônio cultural da região do Mediterrâneo (ALHUSAMI, 2016, p.76).

De acordo com Adonis (1989), a questão da modernidade entre os árabes, desde seu surgimento, no século VII d.C. / II H. aponta para uma crise de identidade, marcada por uma luta interna de múltiplos aspectos e ao combate à influências estrangeiras.

A partir do século VIII d. C. / III H. os movimentos que reivindicavam a revisão de conceitos herdados do passado, especialmente religiosos foram combatidos pela *Umma*, instituição que abarcava dentro de si o âmbito político e o religioso e que representa a noção de unidade da comunidade islâmica. Aqueles que se manifestavam contra a cultura do Califado eram chamados de modernos, e acabavam excluídos da comunidade islâmica sob a acusação de heresia (ADONIS, 1989, p. 187). As instâncias

de poder reprimiam qualquer movimento que buscasse transgredir os preceitos estabelecidos, pois a *Umma* representava o consenso entre aqueles que faziam parte da comunidade: o pensamento e a política eram religiosos, e a religião era una e unificadora.

Adonis chama a atenção para a relação intrínseca entre o poético e o político - religioso na associação dos sentidos atribuídos aos termos criatividade (*al'ihdāt*) e moderno (*almuḥdit*), utilizados para caracterizar a poesia que saía dos parâmetros poéticos tradicionais, que derivam originalmente do vocabulário religioso e pertencem à mesma raiz semântica:

A modernidade na poesia é considerada pela instituição dominante como uma transgressão, similar à transgressão política ou intelectual da cultura do califado, como uma rejeição dos padrões idealizados e, assim, nos damos conta de que maneira o poético na vida árabe estava sempre combinado com o político religioso, como sucede até hoje.
(ADONIS, 1989, p.198)⁵

Segundo Warden (2008), no âmbito do islã tradicional, tudo que remete à inovação e novidade se associa ao moderno, e assim, se torna passível de condenação por não pertencer ao padrão estipulado pela tradição e remeter a algo sem precedentes.

O (conceito de modernidade) indica inovações de pessoas de opiniões errôneas que agem de modo inconsistente com a doutrina e a prática dos justos dos tempos precedentes, não reconhecível na escritura

أَنَّ الحديث الشعري بدا للمؤسسة السائدة، كمثال الخروج السياسي أو الفكري، خروجاً على ثقافة الخلافة، ونفياً للقديم التونجي. و من هنا نفهم كيف أنَّ الشعري في الحياة العربية امتزج دائماً بالسياسي - الديني، يزال يمتزج به حتى الآن

revelada, na Sunna, ou nas normas e princípios dos estudiosos muçulmanos. (WARDEN, 2008, p. 152)⁶

Dada essa percepção, qualquer arauto ou defensor da modernidade, se associava a um tipo de heresia na cultura árabe, representando uma ameaça não apenas à tradição, mas à estabilidade da comunidade, sendo considerados por conservadores tradicionalistas como figuras a serem combatidas e perseguidas.

A partir do anteriormente exposto, o conceito de modernidade presente na cultura árabe pode ser considerado, portanto, como um tipo de visão e comportamento manifestos no âmbito da História da Literatura Árabe em diferentes momentos. Para Adonis (1989), a noção de modernidade não se vincula simplesmente à literatura, pelo contrário, o autor reconhece um sentido que vai além, que se expressa em uma forma de pensamento e conduta, e se configura, essencialmente, como rejeição aos padrões de composição idealizados do passado e abertura para novas influências.

De modo geral, é possível reconhecer na cultura árabe, uma tendência dominante de devoção ao passado manifestada pela persistência da tradição como modelo dominante de composição (ADONIS, 1989, p.211).

Tal comportamento representa uma forma improdutiva na manifestação de uma poesia árabe moderna, pois impede atitudes e métodos inovadores e criativos. A poesia se torna simplesmente propagadora de valores herdados e guardiã de sua continuidade.

Em sua tese de doutorado intitulada *O estático e o dinâmico – Estudo sobre a Inovação e a Imitação entre os árabes* (*Attābit wa mutaḥawwil - baḥṭ fī al'ibdā' wa al'ittbā' 'ind al'arab*), apresentada na Universidade Americana de Beirute, Adonis

⁶[...] innovations of people of erroneous opinions which appear inconsistent with the doctrine, practice of the righteous of preceding times or what is not recognized in the revealed scripture, the Sunnah, or in the general conventional tenets of the Muslim scholars.

aborda a relevância do legado da cultura árabe em relação com as dinâmicas da modernidade.⁷

Segundo o autor, uma sociedade que se encontra baseada na revelação de uma mensagem profética desenvolve um vínculo com o que ele chama “o estático” (*attābit*) que, em termos religiosos, representa “a face de Deus”. Tudo aquilo que se encontre acima disso, é considerado imperfeito. Assim, a cultura árabe, em sua análise, está inclinada à conformidade e, como tal, é mais provável que rejeite e condene a criatividade (*al’ibdā’*). Nesta perspectiva, qualquer tentativa de mudança e inovação se torna um desvio do estático, isto é, o perfeito. Assim, o oposto do estático, isto é, o dinâmico (*almutaḥawwil*), recebe uma conotação negativa e passa a ser combatida pelos tradicionalistas.

Em vista disso, pode-se considerar a ideia de “estática e dinâmica” em Adonis como duas visões de mundo em disputa na cultura árabe; por um lado, o estático representando os valores e interesses do tradicional, conformista de grupos religiosos, e o dinâmico, constituindo elementos revolucionários e inovadores. Em outras palavras, a dinâmica reflete as forças de mudança, enquanto a estática reflete as forças da continuidade.

A professora da Universidade de Princeton Huda Fakhreddine chama a atenção para o uso do termo “moderno”, em estudos de poesia árabe, como expressão de uma manifestação histórica, exclusiva de um determinado período. Sua aplicação à literatura do século XX, por exemplo, deixa de lado as qualidades inovadoras de poetas de momentos anteriores consagrados pela tradição.

⁷ Posteriormente publicada e organizada em três volumes entre 1974 e 1978, este trabalho foi apresentado em palestras no Collège de France em 1984. Posteriormente, uma versão resumida foi publicada sob o título de *Introdução à Poética Árabe*. (ALSHAER, 2012, p12.)

A autora sustenta que o conceito de modernidade deve ser aplicado a partir de uma acepção literária, e não histórica, ou seja, deve ser entendido como um símbolo de reflexão e autocrítica, e não como uma categoria fixa presa ao tempo (FAKHEREDINE, 2016, p. 23).

O desprendimento de uma definição de modernidade relacionada a um tempo ou espaço específico, proporcionou para os autores árabes uma releitura de seu legado cultural através do contato com as vanguardas europeias. Descobrimos assim, aspectos de sua própria modernidade:

Foi a leitura de Baudelaire que mudou meu conhecimento de Abū Nuwās⁸ e me revelou sua poesia e modernidade, e foi a leitura de Mallarmé que me mostrou os segredos da linguagem poética e suas dimensões modernas em Abū Tammām.⁹ Foi a leitura de Rimbaud, Nerval e Breton que me levou a descobrir a misteriosa experiência mística, com sua singularidade e agudeza. (ADONIS, 1989, p. 69)¹⁰

⁸ Abū Nuwās, poeta do século II H./ VIII d.C. de origem persa, conhecido por realizar inovações nos gêneros poéticos tradicionais e trazer em seus poemas temas de cunho libertino e provocativo. Sua figura tornou-se lendária, tendo aparecido em algumas histórias das Mil e uma noites.

⁹ Abū Tammām, autor de origem cristã síria, nascido por volta do ano 796 d. C. realizou importantes contribuições à poesia árabe, tanto como antologista, quanto como poeta.

¹⁰ *قراءة بوديلير هي التي غيرت معرفتي بأبي نواس وكشفت لي عن شعره وحداثته ، وقراءة مالارمي هي التي أوضحت لي أسرار اللغة الشعرية وأبعادها الحديثة في أبي تمام. وقراءة رامبو و نرفال و بريتون ، هي التي قادتني إلى اكتشاف التجربة الغامضة الصوفية، بفراستها وبما فيها*

2.1 A poesia árabe moderna pós *Nahḍa*

O ressurgimento da manifestação de uma tendência moderna na literatura árabe, como consciência estética, remonta ao final do século XIX e início do século XX, num período conhecido como *Nahḍa*.

Naquele momento, recuperou-se a questão da modernidade e se reascenderam os debates acerca dos dilemas e desafios que a envolviam. No entanto, apesar de representar uma retomada na produção artística e criativa e poética a *Nahḍa* não alcançou as rupturas necessárias para uma transformação efetiva no âmbito da linguagem e composição poética (ALMUSAWI, 2006, p. 30).

A maior parte da poesia produzida durante aquele momento, de modo geral, se caracterizava por realizar um resgate do passado, em especial dos valores da oralidade pré-islâmica, e recebia passivamente as influências estrangeiras. De acordo com Adonis (1989, p. 200), as composições poéticas, nesse período, foram marcadas, dentre outros fatores, por uma dupla dependência: do passado, que desviava o poeta árabe da prática criativa através dos procedimentos métricos tradicionais, com ênfase na memorização; e da influência de movimentos artísticos que surgiam no ocidente euro-americano, que substituíam a falta de criatividade pela adaptação e empréstimo técnico. Ambos os aspectos, cada qual com seus instrumentos e formas de atuação, afastavam a poesia árabe da dinâmica criativa, expressão da modernidade.

Afinal, a *Nahḍa*, ainda segundo o nosso poeta, não representou uma inovação legítima em relação à linguagem poética. Pelo contrário, pois do ponto de criativo, foi uma perpetuação de valores tradicionais, marcada pela imitação e desestímulo do diálogo com outras culturas (ADONIS, 1989, p. 202).

A partir dos anos 1940, a questão da modernidade na poesia é retomada com novo fôlego, caracterizando-se por uma revisão crítica dos valores do legado cultural árabe, em diálogo com as inovações estilísticas promovidas no resto do mundo. Seu desenvolvimento é resultado de um nível de engajamento de artistas em busca de uma nova estética, movida por uma nova consciência poética voltada para a necessidade de recriar a linguagem da poesia e redefinir o papel do poeta na sociedade (HAYDAR, 1981, p. 51).

A poesia árabe moderna desse período se caracteriza pela criatividade, inovação e rejeição dos padrões ideais do passado, sua expressão representa uma revolta contra os parâmetros impostos e mantidos pela tradição religiosa e envolve uma tomada de consciência sobre os dilemas da existência representando.

O fazer criativo se vincula ao moderno na medida em que cria algo novo, porém, essa criação não deve ser motivada por modelos pré-estabelecidos, e sim pela visão de renovação que moveu seus predecessores.

Em sua expressão poética, o poeta moderno deve explorar uma linguagem inovadora, aberta ao experimentalismo e descobrir novas formas de interpretação do mundo e da humanidade.

2.2 Movimento do Verso livre e Revista *Šīr*

A partir da década de 1950, em um contexto cultural e político que demandava por mudanças e renovação o tema da modernidade retoma sua relevância na

poesia árabe, sua ascensão é resultado de uma releitura da tradição e motivada pela influência das vanguardas europeias (JAIYUSSI, 1987, p. 14).

Os poetas desse período compartilhavam um projeto de modernidade e inovação, um desejo de renascimento e um forte senso de dissociação com o passado. Dedicavam-se em explorar o papel da literatura moderna na construção da consciência política e cultural árabe, esses modos de expressão buscavam servir como uma poética de desafio e inovação:

Os poetas estavam à procura de um novo tipo de poesia que refletisse sua subjetividade e a conexão com a natureza e o universo. Havia um forte desejo de encontrar uma oração comunitária que se expressasse fora dos rituais teológicos estabelecidos, uma oração que ressoasse dentro de uma dimensão sufi e surrealista (ALMUSAWI, 2002, p. 21).¹¹

Além da atividade de grupos literários, outros eventos contribuíram para a disseminação do discurso da modernidade. Muḥammad Mustafā Badawī destaca a atividade publicitária de Luwīs ʿAwaḍ e Muḥammad Mandūr no Cairo em 1945. Os artigos de ʿAwaḍ acerca dos autores ingleses de vanguarda, especialmente seu breve ensaio sobre T.S. Eliot, apareceu regularmente entre 1945 e 1948 em Alkātib almisrī, prestigiada revista e um tanto efêmera fundada por Ṭaha Ḥusayn, que forneceu não só os primeiros modelos de crítica literária marxista em cultura árabe, mas também influenciou consideravelmente na produção poética contemporânea. Além disso, a

¹¹ *The poets were looking for a new type of poetry that reflected their subjectivity and connection with nature and the universe. There was a strong desire to find a community prayer that would express itself to established theological rituals, a prayer that was pronounced within a sufficient and surrealistic dimension.*

publicação em 1947 de *Blūtūlānd wa qaṣā'id uḥra* (*Plutolândia e outros poemas*), que traz um prólogo que defende a ruptura com as normas métricas, e o incentivo do uso da linguagem coloquial junto ao árabe padrão.

A insatisfação generalizada com os conceitos convencionais de composição poética, desde o início do século XX culmina com Movimento do Verso Livre que consolida seus trabalhos entre 1947 e 1954 obtendo repercussão na Síria, na Palestina e no Egito.

Apesar de reunirem-se em torno de um projeto comum, esses autores não formavam um grupo homogêneo e tampouco se consideravam pertencentes a um "movimento literário", pois não adotavam coletivamente nenhuma declaração programática. Faziam parte de uma elite intelectualizada que participava ativamente de movimentos políticos esquerdistas, marxistas, nacionalistas progressistas, em seus respectivos países.

Um dos fatores que desempenhou papel fundamental na disseminação da poesia árabe moderna nesse período foi a atividade das revistas literárias. Desde o final dos anos 1940, uma série de novas publicações surgiu em várias capitais do mundo árabe. Em Beirute, a Revista *Šīr* (*Poesia*) contribuiu ativamente com a revolução estética e filosófica que se instaurava na Cultura Árabe, promovendo debates acerca dos rumos da poesia árabe contemporânea.¹²

¹² O núcleo editorial da revista era composto por Adonis e Yūsuf Alḥāl que estabelecera residência em Beirute no ano anterior, em 1956. Alḥāl era jornalista de origem libanesa entusiasta da publicação de revistas. Aos 23 anos, fundara o periódico, *Alfunūn*. Após obter o Bacharelado em Filosofia, em 1942, tornou-se editor-chefe da revista *Šawt Al-mar'a*. Em 1948 mudou-se para os EUA, onde atuou como oficial do Serviço de Informação da ONU, além de desempenhar atividades jornalísticas. Ele retornou ao Líbano em 1955 e se torna professor na Universidade americana de Beirute - AUB. Durante sua estada nos EUA, Alḥāl reuniu-se com destacados poetas americanos como Archibald McLeish e Ezra Pound, autores que traduziu e publicou na revista que obteve sua inspiração para o nome retirada da revista de mesmo nome fundada pela poetisa Harriet Monroe em 1921.

A revista *Ši'r* foi exemplar em sua coerência estética, ideológica e institucional, foi o primeiro projeto árabe literário que colocou a questão da modernidade no centro do debate. Os poemas de Adonis e Alḥāl publicados na revista foram influenciados, principalmente por experiências anteriores ao romantismo árabe, poetas sufis, e pela poesia ocidental moderna, particularmente, o Surrealismo e o Simbolismo francês. Em suas edições, estampava-se a defesa de um novo tipo de poesia, cujo tema principal era o ser humano no universo, em resposta à poesia do período que era ou tradicionalista ou nacionalista (ALHUSAMI, 2016, p.11).¹³

Ši'r publicou quarenta e quatro edições em mais de onze anos de atividades (1957-1964 e 1967-70) incluindo manifestos, poemas, críticas e traduções (HABCHI, 2004, p.41).

Poetas e críticos de vanguarda encontraram ali uma plataforma para expressar suas experiências criativas e teóricas, além de ter sido um espaço para publicação de inúmeras traduções de poesia moderna de outras línguas, especialmente francês e inglês.

O principal objetivo da revista era disseminar e expandir uma nova concepção de poesia, que é da integração entre o patrimônio clássico oriental e o moderno ocidental (MOOR, 2000, p.90).

¹³ *Shi'r magazine was unique in its aesthetic, ideological and institutional coherence, and it was the first literary Arab project that placed the question of modernity at the center of its poetics. Adonis' and al-Khal's poetry published in Shi'r was mainly influenced by earlier experiences of Arabic Romanticism, Sufist poets, and modern Western poetry, particularly, French Surrealism and Symbolism. Through their poetic theory, the Shi'r poets advocated for a new kind of poetry whose main theme is the human being in the universe, in response to the poetry of the period which was either traditionalist or nationalist.*

Em seus primeiros números, a revista editou artigos e ensaios em formato de manifestos literários que refletiam a ideologia de uma burguesia liberal, que assumia uma postura radicalmente humanista. Nesses textos, buscava-se impor na poesia árabe um caráter universal e uma nova postura diante do rigor da forma poética, visando o diálogo com poetas de outras tradições: "Este movimento procede dos mesmos princípios que serviram de base à poesia moderna na Europa, desde Baudelaire."¹⁴ escreve Yusuf Alḥāl em um dos artigos. (AYUSO, 2006, p.20)

As principais linhas ideológicas e literárias do "movimento da revista *Šiʿr*", segundo Ayuso, podem ser resumidas da seguinte forma: primazia absoluta do indivíduo sobre a coletividade em seu modelo social; consideração idealista de uma poesia "real" concebido como um modo de conhecimento que visa uma experiência pessoal, noção abstrata e metafísica da vida, presença de elementos do romantismo tardio e simbolismo (*idem*, p.24).

O modelo prescritivo do fazer poético foi um dos principais fundamentos combatidos pelos poetas que faziam parte da revista *Šiʿr*". Os padrões formais que serviram de modelo para a composição poética, até os anos 1950, estabeleciam um critério superficial, pois se baseavam em aspectos externos à poesia e estavam defasados segundo a nova abordagem sobre a forma.

Segundo Adonis (1997, p. 93): "Nem toda composição métrica pode ser necessariamente poesia, nem toda prosa há de carecer forçosamente de poesia¹⁵". A musicalidade da poesia árabe moderna surge, não de "uma harmonia entre partes externas e padrões formais", como atestam os tradicionalistas, mas de "uma harmonia interna."

¹⁴ *Este movimiento parte de los mismos principios que sirvieron de base para la poesía moderna en Europa, desde Baudelaire.*

¹⁵ *Ni toda composición con medida há de ser necesariamente poesia, ni toda prosa ha de carecer forzosamente de poesia.*

Os poetas que participavam da revista declaravam abertamente uma ruptura com a herança literária árabe, com os valores convencionais e com os critérios tradicionais de composição da poesia árabe. A questão da forma demandava que se levasse em conta o aspecto do conteúdo, pois tanto a forma quanto o conteúdo devem dissolver-se de modo simbiótico e, assim, criar uma unidade perfeita e indivisível (ADONIS, 1997, p.96).

A métrica convencional e o estilo da poesia foram assim reconfigurados para se introduzir uma nova forma e estilo exigido pelo momento histórico, o poeta moderno não encontrava na poesia árabe clássica solução para os problemas que enfrenta na contemporaneidade, como sua relação com Deus, o destino, o universo, a vida e a morte (ALMUSAWI, 2006, p. 66).

A forma poética, portanto, se torna um reflexo das demandas do momento e encontra sua verdadeira expressão transcendendo os princípios normativos. Aceitar os modelos fixos de forma e técnicas poéticas limita as possibilidades de inovação e imobiliza a criatividade do poeta, pois a forma do poema cresce e se desenvolve como o tema, gradualmente. A forma não existe fora dos parâmetros do poema, a realidade estética do poema existe apenas no “presente do poema como uma unidade orgânica e como um todo (...) derivando seu significado e valor estético do todo¹⁶”. (BOULLATA, 1999, p. 84).

Adonis considera que a forma poética é, antes de tudo, “um modo de ser”, porque é uma estrutura artística, e então é um meio para transmitir significados e sensações. O impulso criativo do poeta, incorporado pelas palavras do poema, se manifestam em uma forma, e de uma forma única.

¹⁶ *present in the poem as an organic unit and as a whole (...) deriving its meaning and aesthetic value from the whole.*

Contudo, a estrutura poética não é fixa ou absoluta; cada poema é único em sua forma, porque é, afinal, "o resultado da expressão temática da visão do poeta".

Em *Poesía y poética árabes* (1997, p. 92), Adonis afirma:

O poema moderno nunca residirá em uma única forma. Ele sempre se esforçará para escapar de todos os tipos de aprisionamento da métrica ou ritmos definidos, para que possa sugerir de forma mais abrangente a sensação de uma essência crescente que não pode ser percebida com plenitude e facilidade, ou seja, a essência da nossa era atual, a essência do homem.¹⁷

Segundo o autor, enquanto o mundo estiver em constante estado de mudança, o poeta tem que usar novas formas para expressar a condição humana, e a nova poesia se esforçará constantemente para refletir essa natureza flutuante do homem moderno. Assim, o que faz o poema existir é a sua forma, que é uma incorporação estética da visão do poeta, preso em um determinado momento e lugar, isso que ele chama de experiência poética (ADONIS, 1997. p. 30).

¹⁷. El poema nuevo nunca residirá en una sola forma. Siempre se esforzará por escapar de todo tipo de encarcelamiento métrico o ritmos definidos, de modo que pueda sugerir más ampliamente la sensación de una esencia creciente que no se puede percibir con plenitud y facilidad, es decir, la esencia de nuestra era. actual, la esencia del hombre.

3 Cantos de Mihyar, o Damasceno

3.1 Tradução e Poesia

Sobre a prática da tradução poética Octávio Paz (2009), no texto *Tradução, Literatura e Literalidade*, afirma que o ato tradutório está ligado ao aprendizado da fala, ao processo de substituição de um termo ou conceito desconhecido pela palavra. Assim, a tradução em uma língua não é muito diferente da tradução entre duas línguas. Por outro lado, cada palavra encerra em si certa pluralidade de sentidos, no momento em que a palavra se associa a outras para construir uma frase, ou verso, um dos sentidos se atualiza e se torna dominante. Na prosa a significação, em geral, tende a ser unívoca, enquanto que a poesia tem como uma de suas bases características a presença da pluralidade de sentidos, natural do sistema linguístico, capaz de ser acentuado pelo discurso poético. Desse modo, ergue-se uma questão primordial nos estudos literários, que é a possibilidade da tradução. No caso da poesia, essa questão se exacerba.

Segundo Walter Benjamin (2008), a tradução literária deve evitar a “transmissão inexata de um conteúdo inessencial”. O erro, segundo o autor, seria a separação entre forma e conteúdo, considerando, além disso, que o “conteúdo” seja a parte essencial da tradução, aquilo que se deve “transmitir”. Dessa maneira, as traduções que se propõem como uma transmissão do conteúdo intelectual do texto e ignoram a sua organicidade estrutural, por maior “fidelidade” que tenham, distanciam-se do espírito das obras.

Quanto à tradução poética, o filósofo alemão considera que esta deveria abdicar da pretensão de ser somente um “paliativo” do texto original. Ela não existiria para substituir a leitura da obra traduzida, uma vez que, o que vale em uma obra artística

não está contido em sua mensagem, ou naquilo que comunica, mas exatamente o que ela tem de incomunicável, que é o que move a tradução poética.

A linguagem poética traz o inaudito, aquilo que subverte a lógica e a própria linguagem. Na tradução poética, algo acaba se perdendo, contudo, também existe criação. Em vista disso, buscamos apresentar em nossa tradução escolhas que demonstrem uma linguagem moderna presente nos poemas em árabe. A disposição dos versos foi organizada lado a lado, buscando-se coincidir as versões em árabe e português, entretanto, em alguns casos, não haverá concordância, pois realizamos quebras de parágrafos, e repetições, no intuito de trazer ritmo e fluidez à leitura do poema em português.

O critério que escolhemos para formar nossa coletânea se baseou nos aspectos de tema e forma. Destacamos poemas que trazem figuras mitológicas, referências religiosas e poemas curtos, em forma de diálogo e em verso livre, nos quais se destacam aspectos sonoros e rítmicos.

Na seção a seguir, apresentamos uma proposta de análise de alguns poemas, com destaque àqueles que representam os critérios que nortearam a escolha dos poemas que compõem nossa coletânea de tradução.

3.2 Quem é Mihyar?

Ao longo do livro *Cantos de Mihyar, o Damasceno*, acompanhamos os passos de um herói sem pátria que avança em uma jornada sem fim, onde anuncia sua morte e a dos deuses. O movimento e a transformação são temas recorrentes no livro,

nas palavras de Milton Hatoum, “nesse poema ‘cantado’ por várias vozes, ou por outras vozes de um narrador lírico cambiante, o protagonista passa por sucessivas metamorfoses e adquire múltiplas identidades”.¹⁸

Ainda segundo Hatoum, “Adonis recorre ao antigo tópico da viagem como fonte de metamorfoses, da perambulação, da transgressão, do excesso.”¹⁹ Mihyar é um personagem errante, um andarilho que “habita o horizonte” e cujo intuito não está na busca por um destino, mas sim no ato de viajar. Capaz de suspender o tempo e o espaço, Mihyar transita em todas as direções e seu caminho não possui começo nem final.

Através da persona de Mihyar, Adonis articula uma visão de mundo revolucionária e mística com elementos simbolistas da poesia francesa do século XX, além de trazer referências à tradição judaico-cristã e islâmica e à mitologia greco-romana. De maneira bastante explícita, Mihyar é frequentemente identificado com diferentes personagens, incluindo Adão, Ulisses e Orfeu. Ele é associado a diversas figuras da mitologia grega, bíblica e corânica, como Noé, que sobrevive ao Dilúvio e à destruição do mundo para reconstruir outro melhor, ou como Šaddād Ibn ʿĀd, que criou um mundo de grande beleza e esplendor arquitetônico, ou ainda como Ulisses, o eterno viajante, símbolo do homem em uma busca sem fim (BADAWI, 1992).

No *Salmo* do primeiro capítulo²⁰ é possível identificar o aspecto sobrenatural de Mihyar, em termos que transcendem o humano. Ele é capaz de cingir os opostos, “é o real e seu contrário, a vida e a não vida”, conhece todas as coisas, sabe os segredos das palavras, “habita as profundezas da vida”, não tem aparência externa corporal, avança e seu corpo “tem o porte do vento”, tampouco origem determinada: “cria sua espécie a partir dele mesmo. Não têm ascendentes e suas raízes estão em seus passos”. Além

¹⁸ HATOUM, M. “O cavaleiro das palavras estranhas” em ADONIS, 2012, p. 18.

¹⁹ *idem*, p.19.

²⁰ *ibidem*, p. 64.

disso, ele tem poder sobre a vida e a morte: “Ele enche a vida sem que seja visto. Faz da vida espuma e mergulha nela”.²¹

Essas características do personagem compartilham aspectos que a tradição teológica islâmica atribui à figura divina. De acordo com essa perspectiva, as principais características de Deus são sua inefabilidade e sua natureza incriada, o que significa que ele não tem antecessores (ZEID, 2016, p. 6).

Sua qualidade divina muda e reorganiza a ordem das coisas através de seu modo de ver o mundo. Assim como um profeta, o poeta é um vidente; sua visão atravessa o que existe sob a camada material e temporária em busca do aspecto metafísico e o permanente e representa o desejo humano de questionar, do anseio pelo novo, e a busca por caminhos nunca trilhados pelos ancestrais.

Podemos identificar neste poema atributos que denotam semelhanças entre a voz poética, personificada em Mihyar e o divino. Por exemplo, nos seguintes versos: "ele cria seus tipos a partir de si mesmo", formulação semelhante ao relato da criação da humanidade conforme descrito no livro do Gênesis, na bíblia.

A seguir, no mesmo Salmo sua forma se mostra como força da natureza: “tem o porte do vento” (vento, *rīḥ*, sendo a última palavra do salmo), remete à concepção de Deus como pneuma, ou o 'espírito' divino na tradição bíblica. O elo etimológico de *rīḥ* (vento) e *rūḥ* (espírito) com o *ruāḥ* (espírito) da Bíblia hebraica enfatiza ainda mais essa ideia. Na tradição literária, ocidental e oriental, diz-se que apenas deuses têm "a forma do vento"(WEIDNER, 2001, p.22).

Apesar de se associar ao divino, Mihyar é uma divindade que vive sem preces.

²¹ A palavra deus, e suas derivações, incluindo senhor, aparece 53 vezes e é o substantivo próprio mais usado no volume. (ZEID, 2016, p.36.)

من انت؟	Quem é você?
عيناى عند فراشة ورّعب يضرب أغنياتي - من انت؟ - رمح تائه رب يعيش بلا صلاة.	A borboleta tem os meus olhos um assombro ressoa em minhas canções. - Quem é você? - Uma lança perdida um Senhor que vive sem preces.

3.3 Não é estrela

O poema *Não é estrela*, composto em terceira pessoa, alude à figura de Mihyar, trazendo algumas de suas características e ações. Nesse poema não há explicitamente menção direta ao protagonista, entretanto, tal como em muitos poemas do livro, podemos reconhecê-lo por meio das características especiais que o definem.

ليس نجماً	Não é estrela
ليس نجماً ليس إحياء نبى ليس وجهاً خاشعاً للقمر – هو ذا يأتى كرمح وثنى غازياً أرض الحروف نازفاً - يرفع للشمس نزيهه; هو ذا يلبس عري الحجر ويصلي للكهوف هو ذا يحتضن الأرض الخفيفة.	Não é estrela, não é revelação de um profeta ou um rosto voltado à lua ele avança lança pagã invadindo a terra das letras sangrando – ao sol oferece seu sangue ele veste a nudez da pedra reza à cavernas abraça a terra leve.

Em cada verso do poema em árabe há uma referência a um sujeito em terceira pessoa, em alguns casos, inserido na forma verbal ou nominal, em outros, de modo literal com o uso do pronome pessoal. Esse tipo de voz irá se repetir ao longo das primeiras seções, onde há um predomínio da voz poética em terceira pessoa. Nas seções finais do livro, assomam vozes em primeira pessoa do singular e plural, além de diálogos.

A chegada de Mihyar nesse poema é anunciada como algo devastador e implacável, sua presença é repentina: “invade a terra das letras”; se lança em direção ao dogma, avança como “lança pagã”.

O poema traz elementos que remetem a uma ruptura, Mihyar parece ser tanto o profeta, quanto a mensagem da profecia, se associa à poesia e à linguagem, sua chegada rompe com as dualidades.

3.4 Revolução da linguagem

A motivação manifestada na poesia árabe moderna se expressa a partir de um questionamento dos padrões artísticos estabelecidos pela tradição, e explora uma linguagem poética livre, que traça novos horizontes na criação de estilos de expressão inéditos. Esse modo de expressão poético é também revolucionário e exige, portanto, uma linguagem revolucionária. De acordo com Adonis (1987, p.99), a poesia árabe torna-se revolucionária na medida em que o poeta alcança total liberdade, a partir de uma revisão radical e contínua dos conceitos e valores herdados. Somente assim, o

velho mundo desmorona e, a partir de seus escombros, surge um novo, repleto de novas possibilidades.

O poeta considera a linguagem não somente como meio de expressão, mas principalmente, de criação. No caso da poesia árabe moderna, as palavras devem expressar e ir além de seus significados, sua função se torna mais profunda, elas devem sugerir e inspirar, em vez de simplesmente comunicar seu sentido convencional. A escrita revolucionária se torna uma força de criatividade e mudança, colocando o poeta árabe em uma atmosfera de surpresa, questionamento e investigação.

Para Adonis, (1987 p.102) o poeta possui um poder particular, que é a capacidade de ir além da mera expressão; ele não é simplesmente alguém que tem algo para expressar, mas é aquele “que cria as coisas de uma nova maneira”. A poesia moderna busca ir além dos fenômenos e da apreensão imediata das palavras e demanda uma nova linguagem “feita para expressar o que não se foi ensinado a dizer.” Neste caso, a poesia se rebela contra o significado familiar das palavras em vista de uma linguagem capaz de ser uma nova forma de criação, uma fonte de mágica.

Assim, a poesia moderna abarca um aspecto metafísico, ela se desloca sob a superfície para uma realidade mais profunda do universo (ADONIS, 1987). Em outras palavras, esta poesia é uma aventura destinada a proferir as emoções e as realidades para as quais a linguagem humana não foi criada. É preciso uma linguagem nova, livre de erros ou pecados, sendo por si, o símbolo da transgressão.

Linguagem do pecado	لغة الخطيئة
Queimo a minha herança e digo: minha terra é virgem não há tumbas em minha juventude passo por cima de Deus e Satã	أحرق ميراثي، أقول أرضي بكرٌ، ولا قبور في شبابي أعبر فوق الله والشیطان

em meu caminho me afasto dos caminhos de Deus e Satã.	دربي أنا أبعدُ من دروب الإله والشيطان-
Percorro meu livro passo pelo cortejo do raio luminoso pelo cortejo do raio verde eu grito: depois de mim não há paraíso, não há queda e apago a linguagem do pecado.	أعبر في كتابي في موكب الصاعقة المضيئة في موكب الصاعقة الخضراء أهتفُ - لا جنّة لا سقوط بعدي وأمحو لغة الخطيئة

A criação do herói revolucionário Mihyar representa uma busca além da sensibilidade religiosa tradicional, em uma nova realidade que decompõe as percepções definidas por um mundo dividido em categorias de bem e mal, vida e morte, indivíduo e sociedade, etc. (WEIDNER, 2001, p.14). Mihyar é o novo Adão, com a diferença de que busca sentido para sua existência na experiência do mundo, sem procurar uma ordem histórica externa e uma definição estabelecida sobre si mesmo.

Diálogo	حوار
“Quem é você, Mihyar? Quem você escolhe? Qual direção? Deus ou o abismo de Satã? Abismo vai abismo vem o mundo é uma escolha.”	"من أنتَ ، من تختارُ يا مهيار ؟ أتى اتجهت ، الله أو هاوية الشيطان هاوية تذهب أو هاوية تجيء والعالم اختيار". - "لا الله أختار ولا الشيطان
“Nem Deus, nem Satã. Ambos são muros ambos fecham meus olhos	كلاهما جدار كلاهما يُغلق لي عيني - هل أبدل الجدار بالجدار وحيرتي حيرة من يُضيء

por que trocar um muro por outro? Minha confusão ilumina. minha confusão sabe tudo.”	حيرة من يعرف كل شيء...".
--	--------------------------

3.5 Presença da Tradição na Modernidade

3.5.1 Šaddad

Desde o fim do século XIX, a natureza e o valor do legado cultural árabe e sua relação com a modernidade se tornaram temas de destaque na literatura, especialmente na poesia. Esse momento coincide com o intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente, iniciado no final do século XIX. Desde então, a psique árabe se abriu à influência ocidental, e o poeta árabe, em particular, quer quisesse ou não, teve que participar das realizações do pensamento e da arte ocidentais. A influência estava em toda parte, e estar vivo era ser influenciado (HAYDAR, 1981, p. 52).

O debate a esse respeito foi abordado no âmbito das transformações da sociedade árabe em seu desenvolvimento social, político e cultural. A princípio, havia um receio do senso comum de que essas mudanças obliterassem a identidade árabe e seu legado cultural, que conferia aos árabes um tipo de especificidade histórica. Por outro lado, temia-se que a falta de mudança isolasse os árabes do desenvolvimento histórico e os prendesse no passado, separando-os das correntes mundiais e extinguindo sua cultura (ALMUSAWI, 2006).

Entre os intelectuais árabes contemporâneos, o legado cultural árabe (*turāṭ*) apresenta características psicológicas e ideológicas E, portanto, funciona como um sinal de identidade cultural, nacional e religiosa na consciência árabe. Além disso, *turāṭ*

abrange tanto um aspecto metafísico / intangível, quanto elementos físicos / tangíveis, assim, nesse contexto, nem herança, tradição ou legado podem corresponder precisamente com o sentido contido nessa palavra. (WARDEN 2008, 14)

De um modo geral, o debate sobre o *turāt* e seu papel na atualidade se divide principalmente em dois aspectos. O primeiro é religioso, no qual o Islã emerge como a única fonte de conhecimento. Isso significa que o *turāt* se torna um espaço vazio, sem valor real, caso o islamismo seja removido de seu campo de significação. Esse tipo de associação com a religião concede ao *turāt* uma aura de santidade e, portanto, superioridade.

O segundo é nacionalista, criando-se a ideia de “nação árabe” formada por seus antepassados e transmitida aos seus herdeiros. A partir de tal perspectiva, o *turāt* estabelece uma noção de pertencimento e confere um papel distintivo dos árabes na história.

A dimensão religiosa reflete uma clara associação entre *turāt* e eternidade, onde ele é visto como um caminho para uma verdade, enquanto a dimensão nacional revela a "grande" história do povo árabe, tornando *turāt* o local de uma memória nacional coletiva ²² (WARDEN 2008, 16).

A postura dos modernistas se firmava na reavaliação do passado e da tradição e resgate daquilo que é pertinente aos dias atuais, livrando-se das referências pré-estabelecidas. Para o poeta moderno, a tradição é a memória ativa usada para antecipar o futuro, reconhecível nos poetas antigos e presentes nos poetas modernistas.

²² *The religious dimension reflects a clear association between turāt and eternity, where it is seen as a path to a truth, while the national dimension reveals the "great" history of the Arab people, making turāt the site of a collective national memory.*

Nela, é possível encontrar o que não é tradicional e que pode útil para os tempos atuais (ALMUSAWI, 2006, p. 114).

No poema *Šaddad*, a ação modernista de ressignificação dos mitos encontra-se, dessa vez, enraizada na tradição árabe-islâmica e remete ao relato da "cidade de Iram com muitas colunas", mencionada no Alcorão (89: 6-7).²³

De acordo com a tradição, a cidade foi destruída por Deus por conta de sua ousadia de construir uma réplica do Paraíso na terra.²⁴

<i>Šaddad</i>	شَدَاد
Voltou	عاد شَدَادُ عادٌ
<i>Šaddad</i> voltou	فَارْفَعُوا رَايَةَ الْحَنِينِ
ergam o estandarte da nostalgia	وَاتْرَكُوا رَفْضَكُمْ إِشَارَهُ
deixem suas recusas como sinal	فِي طَرِيقِ السَّيْنِ
no caminho dos anos	فَوْقَ هَذِي الْحِجَارَةِ،
sobre esta rocha	بِاسْمِ ذَاتِ الْعِمَادِ.
em nome destas colunas.	إِنِّهَا وَطَنُ الرَّافِضِيِّينَ
É a pátria dos renegadores	الَّذِينَ يَسُوقُونَ أَعْمَارَهُمْ يَأْسِينَ
daqueles que levaram suas vidas na perdição	كَسَرُوا خَاتَمَ الْقِمَاقِمِ
romperam o selo dos frascos de perfume	وَأَسْتَهْزَأُوا بِالْوَعْدِ
eles zombam da promessa	بِجُجُورِ السَّلَامَةِ،
de uma ponte segura	إِنِّهَا أَرْضُنَا وَمِيرَاتُنَا الْوَحِيدِ
esta é nossa terra, nossa única herança	نَحْنُ أَبْنَاءُهَا الْمُنْتَظَرِينَ لِيَوْمِ الْقِيَامَةِ.
somos seus filhos, aqueles que aguardam o	
juízo final.	

²³ No trecho que cita a localidade na tradução ao português do Alcorão há o seguinte comentário do tradutor: “Iram, faz alusão ao tardio arrependimento dos pecadores que, no dia do Juízo, ansiarão ser pó; quanto à alma tranquila, será convidada a ingressar no Paraíso, juntamente com os bem aventurados.” ALCORÃO. Trad. Helmi Nasr. Medina: Fundação Rei Fahd Abdul Aziz. 2003.

²⁴ LEWIS, G. “Iram” in *Encyclopaedia of Islam* v. 3. Leiden: Brill. 1986. p.894.

No primeiro verso deste poema, é anunciado o retorno de *Šaddad*, governante de Iram. Sua chegada representa o ressurgimento de uma era de rebelião contra as ordens de Deus. Segundo a voz poética, a cidade de Iram, condenada por Deus no Alcorão, é "a pátria dos renegadores/ aqueles que levaram suas vidas na perdição."

De acordo com o relato corânico, Deus "infligiu variados castigos" sobre Iram e seus habitantes, no poema *Šaddad* a cidade é apresentada como um lar para todos aqueles que toleram e compartilham a atitude de recusa que ressoa da voz de Mihyar, os habitantes de Iram são enaltecidos por sua desobediência. No poema de Adonis, os habitantes de Iram parecem não importar-se com as promessas de um paraíso, ou algum tipo de redenção e ignoram as ameaças de Deus.

O tom subversivo desse verso se torna mais evidente ao traçarmos sua referência presente no Alcorão. Na Sura 15: 37-38, é Satanás quem está entre os que devem aguardar, no caso, a punição divina: "Allah disse: E, por certo, és daqueles aos quais será concedida dilação". (37) "Até o dia do tempo determinado." (38) Como também nos seguintes versículos das suras 5: 8; 37-38 e 80 nelas encontramos a mensagem de Deus como ameaça àqueles que não lhe derem ouvido.

Os dois versos finais destacam a filiação entre Mihyar, *Šaddad* e os habitantes de Iram, pois o sujeito poético passa a usar a forma plural de primeira pessoa, "nós", fundindo-se com aqueles que ele já havia anteriormente designado Iram como "nossa terra e nossa única herança". Na linha seguinte e final, ele conclui: "somos seus filhos, aqueles que aguardam o juízo final".

3.5.2 Novo Noé

Publicado pela primeira vez na Revista *Ši'r* na edição de Primavera em 1958 (ARABI, 2015, p. 2), o poema *O novo Noé* remonta ao episódio do dilúvio presente no Antigo Testamento e no Alcorão.

Segundo a versão tradicional do mito, Noé leva sua arca em segurança de um mundo corrompido para um novo, no qual é possível um reinício, livre de pecados. É um mito de destruição, mas também de continuidade, representado pelo pacto feito entre Deus e Noé e seus descendentes. Na sura intitulada *Hud*²⁵, uma das passagens do Alcorão que trazem o relato do dilúvio, Deus se dirige ao seu profeta depois que as águas recuaram e os incrédulos se afogaram.

Novo Noé	نوح الجديد
<p>I</p> <p>Partimos com a arca, com nossos remos com uma promessa de Deus debaixo da chuva na lama vivemos enquanto a humanidade morre partimos com as ondas o espaço era uma corda de mortos atada à nossas vidas entre nós e o céu havia uma janela para as súplicas.</p>	<p>I</p> <p>رحنا مع الفلك، مجاديفنا وعدُّ من الله وتحت المطرُ والوحل، نحيا ويموت البشرُ. رحنا مع الموج وكان الفضاءُ حبلاً من الموتى ربطنا به أعمارنا وكان بين السماء وبيننا نافذةٌ للدعاء. .. "يا ربِّ، لِمَ خَلَصْتَنَا وَحَدَّنَا من بين كلِّ الناس والكائنات؟ وأين تُلقينا، أفي أرضك الأخرى،</p>

²⁵ Décima primeira sura do Alcorão possui 123 versículos e pertence ao conjunto de suras que a tradição considera que foram reveladas em Meca.

<p>“Ó Senhor, por que salvou a nós entre todas as pessoas e seres? Onde você nos deixou? Em sua outra terra? Em nossa terra primordial? Nas folhas da morte, no vento da vida? Ó Senhor, há em nossas artérias um temor ao sol, nós renunciamos à luz renunciamos ao amanhã que chega regressamos à vida no principio. E se não tivéssemos nos tornado sementes para criação, para a terra e sua geração e, se tivéssemos permanecido barro ou brasa, se tivéssemos permanecido no estado intermediário para não vermos o mundo, para não vermos o inferno de teu Senhor, por duas vezes.</p> <p>II</p> <p>Se o tempo voltasse ao início e o rosto da vida se encharcasse de água a terra tremesse, deus se esconderia dizendo, ó Noé, salve as vidas para nós. Não dei ouvidos às palavras de um deus fui até a arca, retirar as conchas e o barro dos olhos dos mortos abro para suas profundezas o dilúvio sussurro em suas veias que nós voltamos da errância, saímos de cavernas trocamos o céu pela vida navegamos sem temor sem atender às palavras de Deus nosso compromisso é com a morte, nossa praia é um desespero conhecido, nos contentamos com isso um mar congelado, duro como a água atravessamos do início ao fim</p>	<p>أفني موطننا الأول في ورق فينا ، في شراييننا رعب من الشمس ؛ ينسنا من التور ينسنا من غدٍ مقبلٍ فيه نُعيد العمر من أولٍ.</p> <p>..</p> <p>يا ليت أنا لم نصر بذرة للخلق، للأرض وأحيالها يا ليت أنا لم نزل طينة أو جمره ، أم لم نزل بين بين كي لا نرى العالم كي لا نرى جحيمة وربّه مرتين"</p> <p>II</p> <p>لو رجع الزمان من أولٍ وغمرت وجه الحياة المياه وارتجت الأرض وخفت الإله يقول لي يا نوح أنقذ لنا الأحياء - لم أحفل بقول الإله ورُحت في فُلْكي ، أزيح الحصى والطين عن محاجر الميتين أفتح للطوفان أعماقهم، أهمس في عروقهم أننا عُدنا من التيه، خرجنا من الكهف وغيرنا سماء السنين ،</p> <p>وأنا نُبحر لا ننثني رعباً ولا نُصغي لقول الإله موعدنا موتٌ ، وشطاننا يأسُ ألفناه ، رضينا به بحراً جليدياً حديد المياه نعبره نمضي إلى منتهاه، نمضي ولا نصغي لذاك الإله تقنا لى ربٍّ جديدٍ سواه.</p>
--	---

do principio e não demos ouvido àquele deus buscamos um novo Senhor, diferente deste.	
--	--

Em sua versão, Adonis realiza uma interpretação heterodoxa e mística do relato tradicional. Neste poema, Noé ignora os mandamentos de Deus de salvar a humanidade; ao contrário, ele almeja um tipo diferente de salvação, mergulhando em uma luta destrutiva com a lama e a natureza.

O poema apresenta um tipo de “dicção poética” sem precedentes na poesia árabe. Segundo Rasha Arabi (2015, p.12): “A linguagem do novo Noé é opaca, permeada de alusões literárias e complexidade estrutural. O poema é escrito com uma irregularidade de ritmos que rompe com a teoria métrica tradicional e cria novos padrões rítmicos e de forma.”²⁶

O profeta Noé representa na crença tradicional uma figura de redenção, vinculando o tempo passado ao futuro por meio da fé e de um senso de comunidade. Já o profeta Noé de Adonis é uma figura rebelde e representa a recusa. Ele não quer ser a semente de outra geração, mas permanecer na condição terrena que se estabelece na indefinição, que absorve a espiritualidade e a materialidade, ele prefere o “estado intermediário.”

Do ponto de vista contido no Alcorão, o desejo de permanecer no estado físico, negando a possibilidade de regeneração é a clara evidência de uma heresia que espelha a negação dos incrédulos de uma vida após a morte.

²⁶ *The language of the new Noah is opaque, permeated with literary allusions and structural complexity. The poem is written with an irregular rhythm that breaks with traditional metric theory and creates new rhythmic and form patterns.*

A negação do novo Noé da promessa de Deus provoca um despertar por novos anseios em sua jornada, representada não como a busca por terra, mas como uma viagem sem fim. Os incrédulos, que foram afogados após se recusarem a seguir os mandamentos de Deus, são ressuscitados com um sussurro, e uma nova aliança é estabelecida, em um tipo de protesto, uma recusa da promessa divina.

No poema de Adonis, o relato do dilúvio é transmitido e recusado. Ao mesmo tempo, porém, a perspectiva modernista de compromisso com a tradição não visa apagar o mito, a perpetuação da relação entre o homem e o divino se reflete na estrutura temporal do poema, que começa em uma crise presente, segue para um passado especulativo, e termina clamando por um futuro alternativo.

Apesar de ser explícito o tom herético no poema, a presença de uma divindade não é completamente descartada; pelo contrário, há um desejo de substituir o Deus tradicional por um novo, e o papel do novo Noé é ser um de seus profetas. Embora o significado de Deus e Noé, bem como a visão de mundo que eles transmitem possam ter mudado, uma espécie de estrutura divina permanece: ainda existem deuses e ainda existem profetas – espera-se que eles simbolizem novos valores.

3.5.3 O mito de Sísifo

A condenação ou desconstrução de ordens e credos religiosos e mitos estabelecidos não é a única maneira de tratar o Divino nos *Cantos de Mihyar*. Na maioria dos casos, o impulso de destruição é correspondido ou acompanhado por um ato criativo, como podemos ver no poema *A Sísifo*, no qual o poeta realiza uma releitura

do mito grego que representa a condenação do homem ao sofrimento incessante, fruto do castigo dos deuses. O mito é usado aqui em um sentido otimista, como um símbolo contemporâneo para um novo futuro e uma maneira de superar as dificuldades:

A Sísifo	إلى سيزيف
<p>Jurei escrever acima da água carregar com Sísifo sua pedra surda. Jurei ficar com Sísifo ceder à febre e à faísca buscar nos olhos cegos a última pluma que escreva às plantas e ao outono o poema do pó. Jurei viver com Sísifo.</p>	<p>أَقْسَمْتُ أَنْ أَكْتُبَ فَوْقَ الْمَاءِ أَقْسَمْتُ أَنْ أَحْمَلَ مَعَ سِيزِيفُ صَخْرَتَهُ الصَّمَاءِ. أَقْسَمْتُ أَنْ أَظِلَّ مَعَ سِيزِيفُ أَخْضَعُ لِلْحُمَّى وَاللَّشَّارِ أَبْحَثُ فِي الْمَحَاجِرِ الضَّرِيرَةِ عَنْ رِيشَةٍ أَخِيرَةٍ تَكْتُبُ لِلْعُشْبِ وَاللَّخْرِيفِ قَصِيدَةَ الْغُبَارِ. أَقْسَمْتُ أَنْ أَعِيشَ مَعَ سِيزِيفِ.</p>

Segundo as principais versões conhecidas do mito, os deuses haviam condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o topo de uma montanha, de onde a pedra caía novamente por seu próprio peso. “Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.”

Os motivos que lhe valeram o castigo eterno divergem, o que se mantém é a noção de que foi uma punição exemplar para aqueles que desagradarem os deuses. “Reprovam-lhe, antes de tudo, certa leviandade para com os deuses”. (CAMUS, 1984, p. 64)

Sísifo, segundo o filósofo Albert Camus, é o herói do absurdo, tanto por suas paixões como por seu tormento. O desprezo pelos deuses, o ódio à Morte e a paixão pela vida lhe valeram esse suplício indescritível em que todo o ser se ocupa em não completar nada. É o preço a pagar pelas paixões deste mundo.

Neste poema, Sísifo representa no contexto poético, o geral e o particular; ou, o indivíduo e o coletivo, uma vez que ele se dirige à consciência humana coletiva. A voz poética compartilha o destino de Sísifo e, nesse sentido, percebe que é o momento do despertar da consciência, pois ele é mais forte que a rocha, pois tem alguém com quem dividir o fardo. O poema começa com um juramento e termina com um juramento, em uma estrutura cíclica bastante semelhante ao movimento da rocha do topo da montanha para a base. Representando a continuidade o esforço do homem, que continua a se alegrar enquanto a rocha cai novamente.

Apesar da prática incessante, a noção do absurdo não deve ser desesperadora, Mihyar acompanha Sísifo e parece compartilhar a proposição de Camus Sobre o destino do herói grego: “É preciso imaginar Sísifo feliz.”

As referências a personagens mitológicos e figuras religiosas possibilitam que a voz poética se desprenda da direção subjetiva do discurso, tornando sua fala contida nos poemas; ao mesmo tempo, uma linguagem impessoal, objetiva, histórica, simbólica, mítica, servindo como uma máscara, o que lhe propicia ter inúmeras identidades.

Grande parte de sua poesia não está ancorada em um determinado tempo e espaço. É mergulhada em referências ao lendário, a elementos místicos, mágicos e oníricos, com o objetivo de revelar “as regiões profundas da alma”. Adonis é um explorador dos mistérios e ambiguidades, e busca por meio da linguagem poética um modo de compreender a existência humana e a realidade. (ALSHAER, 2014)

3.5.4 Salmo

A presença de múltiplas vozes que assomam nos poemas abre espaço para o ocultamento da identidade do eu-lírico, proporcionando uma multiplicidade de sentidos aos poemas que acompanham e descrevem as sucessivas transformações do protagonista, capaz de se mostrar em múltiplas facetas. No poema acima, Salmo da terceira seção, Mihyar se associa à figura de Orfeu, símbolo do poeta, aquele que domina o poder das palavras e neste poema se revela como uma força capaz de reger a natureza e os homens.

Suas ações são demarcadas através do uso de verbos em primeira pessoa que iniciam a maior parte dos versos do poema, dentre os quais: “Ergo”, “Escrevo”, “Inscribo”, “Habito”, “Crio”. A sucessão desses verbos no texto em árabe cria um efeito de intensidade na realização das ações enunciadas. A tradução buscou uma aproximação a essa característica omitindo a repetição do pronome que indica o sujeito do verbo, tal como artigos e preposições, dando assim, ênfase à força do ato presente na repetição dos verbos.

A composição rítmica do poema remonta ao estilo do antigo *saj^c*, termo que pode ser traduzido como discurso rimado e cadenciado e caracteriza-se por explorar o potencial morfológico e sonoro da língua árabe. Sua prática está associada à recitação do Alcorão, porém, já estava presente no período pré-islâmico na fala de feiticeiros e adivinhos em sortilégios e conjuros.

Na era islâmica, o *saj^c* tornou-se mero ornamento retórico, uma marca distintiva de eloquência, tanto falada, quanto escrita, mas originalmente tinha uma profunda, muitas vezes religiosa importância como um modo especial adotado por

poetas, adivinhos e similares em suas revelações sobrenaturais transmitindo todo tipo de mistério e sabedoria esotérica (MASARWAH, 2015. p.11).

Adonis retoma a manifestação desse aspecto da poesia árabe, que atribui poderes mágicos à palavra, legando a Mihyar a capacidade de criar, destruir e recriar através do uso da linguagem. A língua se torna novamente fonte de criação e magia e se manifesta na poesia através das palavras. Nos *Cantos de Mihyar* a expressão da narrativa é a própria narrativa. A relação entre som e significado como entidades separadas se desfaz, cooperando juntas na poesia em favor de um novo sentido. Mihyar é representado como um personagem cujas ações se firmam na força da linguagem que não possui limites.

Salmo (III)

Sou a primeira e última luz do dia - coloco meu rosto no raio, digo ao sonho que seja meu pão.

Ergo a borboleta, estandarte em que escrevo meus nomes.

Árvore que muda seu nome e vem até mim, pedra que se lava em minha voz, campo que se cobre com minhas folhas – eis o meu exército, minhas armas são as ervas.

Inscribo meu rosto na pedra e no vento, inscribo meu rosto na água, habito o horizonte, em minha frente há uma máscara de ondas.

Vou em direção ao distante, e a distância permanece. Nunca chego, mas ilumino.
Continuo distante, o distante é minha pátria. Crio um país amigo como lágrima.

Aqueles que minam a casca do mundo, plenos como brasa, aqueles que limitam o horizonte, aqueles que dele se apoderam e o golpeiam até sangrar, aqueles que descansam na sombra das borboletas. A eles dei os meus nomes. Eu corro. Deuses são cercas ao meu redor, eu os prendo, os conquisto e quando os toco, visto os funerais como luva. Habito as conchas do sonho, anuncio o ser interior. (-Olhe para trás, Orfeu. Aprenda a caminhar pelo mundo).

Anuncio a inundação da recusa.

Anuncio seu gênese.

Converso com as cavernas, converto as montanhas em palavras as grutas em música, danço com o ar, levo meus anseios para terra, escrevo um feitiço para meus dias, quebro o contador do tempo, planto minha distância com membros decepados, e deixo que as distâncias me carreguem.

مزمور

أول النهار أنا و آخر من يأتي – أضع وجهي على فوهة البرق و أقول للحلم أن يكون خبزي

أرفع الفراشة ببرقاً أكتب عليه أسمائي

شجرة تغير اسمها و تأتي إليّ, حجر يغتسل بصوتي, سهل يكتسي بأوراقه – هذه جُيوشي و سلاحِي العشب

أنقش وجهي على الرّيح و الحجر, أنقش وجهي على الماء, أسكن الأفق, و على جبيني قناعٌ من الموج

أتجه نحو البعيد و البعيد يبقى. هكذا لا أصل، و لكنني أضيء. إنني بعيد و البعيد وطني. أخلق وطناً صديقاً كالدمع
 الذين يلغمون قشرة العالم، المليئون كالجمر، الذين يتأخمون الأفق، الذين يغتصبونه و يضربونه حتى يدمى، الذين
 يتفأئون ظل الفراشات
 هؤلاء سميتهم بأسمائي. أنا الراكض و الآلهة سياجٌ حولي أخطفها و أغزوها و حين أجسها ألبس الماتم قفازاً، أنا
 السكن في أصداف الحلم، المعلن إنسان الداخل – (انظر وراءك يا أرفيوس، تعلم كيف تسير في العالم)
 أعلن طوفان الرّفض،
 أعلن سيفر تكوينه
 أحاور الكهوف، أصير الجبال كلماتٍ و أموسق الحفر، أراقض لأثير و أحمل أشواقي إلى الأرض، أكتب رقيةً
 لأيامي و أكسر عدّاد الوقت، أغرس مسافاتي بالأشلاء و أترك للأبعاد أن تقودني

4 Considerações finais

Neste estudo, buscamos traçar um panorama da questão da modernidade árabe, primeiramente, sob um viés conceitual, apresentando os dilemas de uma cultura que se estabelece sob um texto sagrado, e assim, possui uma tendência ao conservadorismo. Em seguida, destacamos o momento de renovação da poesia árabe moderna, a partir dos anos 1950 com o Movimento do Verso Livre e a Revista *Šīr*. No intuito de demonstrar os aspectos distintivos que definem a modernidade poética árabe, traduzimos o livro *Cantos de Mihyar, o Damasceno* (1961), do poeta sírio Adonis, do qual apresentamos uma coletânea de poemas na seção seguinte.

Partindo da possibilidade de um diálogo entre a cultura árabe e a brasileira, esperamos alcançar um maior entendimento de algo comum em ambas, que é o conceito de modernidade. É possível identificar semelhanças e pontos de contato que podem se tornar pontes, meios de acesso ao conhecimento do outro e de si mesmo. As poéticas árabes e brasileiras podem encontrar, em um “movimento antropofágico”, a descoberta de novas formas de criatividade e criação.

Na obra *Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade*, Marshal Berman explora “os sentidos possíveis da modernidade” a partir de uma análise de textos variados, de tempos e espaços distintos, mostrando a proximidade entre as diferenças: Fausto, de Goethe, o Manifesto do Partido Comunista, as Notas do Subterrâneo, e muito mais. O autor estadunidense reconhece que essas obras compartilham preocupações modernas, pois são movidos, ao mesmo tempo, pelo desejo de mudança, autotransformação e de transformação do mundo, pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços. “Todos

conhecem a vertigem e o terror de um mundo no qual tudo que é sólido desmancha no ar”.

Segundo Berman:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somo. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desumanidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. (BERMAN, p. 15)

“Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição.” No caso da modernidade árabe, a contradição se manifesta em um conflito com a concepção tradicionalista sobre a cultura. A modernidade árabe é, acima de tudo, criativa, vai em busca do novo, colocando em risco as certezas do dogma.

Em uma entrevista cedida à New York Times em 2012, ao ser questionado sobre o predomínio do modelo de composição da tradição Adonis afirma: “Vivemos numa cultura que não abre margem para as questões, para as dúvidas. Já tem todas as respostas formuladas. Nem Deus tem nada de novo a dizer!”.²⁷

Segundo o autor, aquilo de que o mundo árabe precisa hoje, mais do que tudo, é de “uma revolução da subjetividade” que venha emancipar as pessoas face à

²⁷ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2002/07/13/books/an-arab-poet-who-dares-to-differ.html> (acessado em Julho de 2019)

tradição. Até que essa revolução interior ocorra, os árabes estão condenados a experimentar uma modernidade em segunda mão, numa perigosa mistura de consumismo vazio, eleições fraudulentas e Islão radical. “Culturalmente falando, nós já fazemos parte da cultura ocidental, mas apenas enquanto consumidores, não enquanto criadores”.

Quanto ao poder da poesia para afetar o mundo, perto de seus noventa anos, sua postura é incisiva e não deixa espaço para grandes ilusões. Em um encontro com estudantes da Universidade do Michigan (EUA), em 2010, uma aluna questionou-o sobre a relevância da poesia no mundo atual. “A poesia não é apenas uma forma de discurso pretensiosa e elitista, incapaz de transformar seja o que for?” Adonis concordou que a poesia não tem como mudar a sociedade, e que apenas pode “alterar a noção das relações entre as coisas”. Mas quanto à ideia de que a poesia se terá tornado de algum modo uma arte alheada, insuficientemente popular para se mostrar relevante, o poeta notou que “a poesia que chega a todas as pessoas é essencialmente superficial. A verdadeira poesia requer empenho porque obriga o leitor a tornar-se, tal como o poeta, criador. Ler não é simplesmente ficar do lado do receptor”. E, sorrindo, acrescentou: “Sugiro que altere a sua relação com a poesia e com a arte em geral.”

A poesia não pode mudar a sociedade, disse Adonis. A poesia só pode mudar a noção de relações entre as coisas. A cultura não pode mudar sem uma mudança nas instituições. A poesia que atinge todas as pessoas é essencialmente superficial. A verdadeira poesia requer esforço porque requer que o leitor se torne, como o poeta, um criador. Ler é também um ato criativo.

5 Seleta de poemas de Cantos de Mihyar, o Damasceno

O livro *Cantos de Mihyar, o Damasceno* é constituído majoritariamente por poemas curtos, divide-se em sete seções que, à exceção da última formada por elegias, inicia-se por um Salmo, poema em prosa ritmada que sugere o tema de cada seção. As seções intitulam-se: Cavaleiro das palavras estranhas, Mago do pó, Deus morto, Iram das Colunas, O tempo pequeno, Extremos do mundo, A morte repetida. Ao todo, o livro é composto por 141 poemas, para nossa pesquisa selecionamos 60 poemas, cerca de um terço do livro. A seguir, apresentamos nossa coletânea de tradução:

I- Cavaleiro das palavras estranhas

Não é estrela	ليس نجماً
<p>Não é estrela, não é revelação de um profeta ou um rosto voltado à lua avança lança pagã invade a terra das letras sangra – ao sol oferece seu sangue veste a nudez da pedra reza às cavernas abraça a terra macia.</p>	<p>ليس نجماً ليس إحياء نبيّ ليس وجهاً خاشعاً للقمر - هو ذا يأتي كرمح وثنيّ غازياً أرض الحروف نازفاً - يرفع للشمس نزيفه; هو ذا يلبس عري الحجر ويصلي للكهوف هو ذا يحتضن الأرض الخفيفة.</p>

Mihyar é rei	مَلِكٌ مَهْيَارٌ
<p>Mihyar é rei um rei o sonho é seu castelo e jardins de fogo. Hoje, uma voz morta queixou-se dele às palavras. Mihyar é rei vive no reino do vento reina na terra dos segredos.</p>	<p>مَلِكٌ مَهْيَارٌ مَلِكٌ وَالْحُلْمُ لَهُ قَصْرٌ وَحَدائقُ نَارٍ وَالْيَوْمَ شَكَاةٌ لِلْكَلِمَاتِ صَوْتُ مَاتٍ ؛ مَلِكٌ مَهْيَارٌ يَحْيَا فِي مَلَكُوتِ الرِّيحِ وَيَمْلِكُ فِي أَرْضِ الْأَسْرَارِ.</p>

Voz	صوت
<p>Mihyar é um rosto traído por seus amantes Mihyar são sinos que não tocam Mihyar está escrito nos rostos canção que nos visita sem aviso no exílio nos caminhos em branco. Mihyar sino dos errantes neste chão da Galileia.</p>	<p>مَهْيَارُ وَجْهٌ خَانَهُ عَاشِقُوهُ مَهْيَارُ أَجْرَاسٍ بَلَا رَنِينَ مَهْيَارُ مَكْتُوبٌ عَلَى الْوُجُوهِ أَغْنِيَةٌ تَزُورُنَا خِلْسَةً فِي طُرُقٍ بَيْضَاءٍ مَنَفِيَّةٍ مَهْيَارُ نَاقُوسٍ مِنَ التَّائِهِيْنَ فِي هَذِهِ الْأَرْضِ الْجَلِيلِيَّةِ .</p>

Seus olhos nascem	تولد عيناه
<p>Seus olhos nascem na rocha que rola louca à procura de Sísifo.</p> <p>Seus olhos nascem nos olhos apagados e perdidos que perguntam por Ariadne.</p> <p>Seus olhos nascem na viagem que escorre como sangramento do cadáver do local em um mundo que veste o rosto da morte.</p> <p>Não há língua ou voz que expresse – seus olhos nascem.</p>	<p>في الصخرة المجنونة الدائرة تبحث عن سيزيف، تُولد عيناه، تولد عيناه في العين المطفأة الحائرة تسأل أريان، تولد عيناه في سفر يسيل كالنزيف من جثة المكان، في عالم يلبس وجه الموت لا لغة تعبّره لا صوت – تولد عيناه.</p>

Voz	صوت
<p>Desce entre os remos entre as rochas encontra os errantes nas jarras das noivas no sussurro das ostras.</p> <p>Anuncia o ressurgir das raízes, de nossas bodas, dos portos, dos cantadores.</p> <p>Anuncia o ressurgir dos mares.</p>	<p>يهبط بين المجاديف بين الصخور يتلاقى مع التائهين في جرار العرائس في وشوشات المحار يعلن بعث الجذور بعث أعراسنا والمر في المنشدين يعلن بعث البحر</p>

Máscara de canções	قناع الأغنيات
<p>Em nome de sua história no país do barro come sua fronte quando tem fome morre e as estações desconhecem sua morte atrás dessa longa máscara de canções.</p> <p>Ele é a semente confiável habita as profundezas da vida.</p>	<p>باسم تاريخه في بلاد الوحول يأكل حين يجوع جبينه ويموت ويجهل كيف يموت الفصول خلف هذا القناع الطويل من الأغنيات.</p> <p>إنه البذرة الأمينه إنه ساكنٌ في قرار الحياة .</p>

Novo Testamento	العهد الجديد
<p>Ignora essas palavras ignora a voz dos desertos feiticeiro feito pedra adormecida. Línguas distantes o oprimem e ele avança sob os escombros na estação das novas letras lança sua poesia aos ventos aflitos áspera, mágica como o cobre.</p> <p>Língua que ondula entre os mastros é o cavaleiro das palavras estranhas.</p>	<p>يجهل أن يتكلم هذا الكلام يجهل صوت البراري إنه كاهنٌ حجريُّ النعاس إنه مُثقلٌ باللغات البعيده هوذا يتقدم تحت الركام في مناخ الحروف الجديده مانحاً شعره للرياح الكئيبه خشناً ساحراً كالنحاس</p> <p>إنه لغةٌ تتموج بين الصواري إنه فارس الكلمات الغريبه</p>

Fim do céu	آخر الأسماء
<p>Ele sonha lança os olhos nas profundezas da cidade vizinha ele sonha: dança no abismo ignora os dias que devoram as coisas os dias que criam as coisas. Ele sonha ressurge e desaba como o mar precipita os segredos começando um céu no fim do céu.</p>	<p>يحلم أن يرمي عينيه في قرارة المدينة الآتية يحلم أن يرقص في الهاوية يحلم أن يجهل أيامه الآكلة الأشياء أيامه الخالقة الأشياء يحلم أن ينهض أن ينهار كالبحر - أن يستعجل الأسرار مبتدئاً سماءه في آخر السماء .</p>

A confusão	الحيرة
<p>Por ser confuso nos ensinou a ler o pó. Por ser confuso sua nuvem de fogo e sede das gerações futuras passou pelo nosso mar. Por ser confuso a fantasia nos deu seus lápis, seu livro.</p>	<p>لأنه يحار علمنا أن نقرأ الغبار لأنه يحار مرّت على بحارنا سحابه من ناره من عطش الأجيال لأنه يحار أعطى لنا الخيال أقلامه ، أعطى لنا كتابه .</p>

II- O mago do pó

Um deus morreu	مات إله
Um deus morreu	مات إله كان من هُناكَ
ali estava	يهبط، من جمجمة السماء.
do crânio do céu caiu.	لرُبّما في الذعر والهلاكَ
Talvez do espanto	في اليأس في المتاه
da devastação	يصعد من أعماقي الإله ؛
do desespero	لرُبّما ، فالأرض لي سريرٌ وزوجةٌ
da confusão	والعالم انحناءً.
de minhas entranhas	
talvez um deus se levante.	
A terra é minha cama e companheira	
o mundo	
uma curva.	

A queda	السقوط
Vivo entre o fogo e a peste	أعيش بين النار و الطاعون
com minha linguagem e mundos mudos	مع لغتي - مع هذه العوالم الخرساء.
vivo no jardim da maçã e no céu	أعيش في حديقة التفاح و السماء
na primeira alegria e na decepção	في الفرح الأول و القنوط
entre as mãos de Eva	بين يديّ حواء-
senhor desta árvore amaldiçoada	سيد ذاك الشجر الملعون
senhor dos frutos.	

<p>Vivo entre as nuvens e as faíscas na pedra crescente no livro que ensina os segredos e a queda.</p>	<p>وسيد الثمار.</p> <p>أعيش بين الغيم و الشرار في حجر يكبر ، في كتاب يعلن الأسرار و السقوط.</p>
--	---

Diálogo	حوار
<p>“Quem é você, Mihyar? Quem você escolhe? Qual direção? Deus ou o abismo de Satã? Abismo vai abismo vem o mundo é uma escolha.”</p> <p>“Nem Deus, nem Satã. Ambos são muros ambos fecham meus olhos por que trocar um muro por outro? Minha confusão ilumina minha confusão sabe tudo.”</p>	<p>"من أنت ، من تختارُ يا مهيأر ؟ أنتى اتجهت ، الله أو هاوية الشيطان هاوية تذهب أو هاوية تجيء والعالم اختياراً."</p> <p>" - لا الله أختار ولا الشيطان كلاهما جدارُ كلاهما يُغلق لي عينيّ- هل أبدل الجدار بالجدارُ وحيرتي حيرة من يُضيء حيرة من يعرف كل شيء..."</p>

Linguagem do pecado	لغة الخطيئة
<p>Queimo a minha herança</p>	<p>أحرق ميراثي، أقول أرضي</p>

<p>e digo: minha terra é virgem não há tumbas em minha juventude passo por cima de Deus e Satã em meu caminho me afasto dos caminhos de Deus e Satã.</p> <p>Percorro meu livro passo pelo cortejo do raio luminoso pelo cortejo do raio verde eu grito: depois de mim não há paraíso, não há queda e apago a linguagem do pecado.</p>	<p>بِكْرٌ ، ولا قبورَ في شبابي أعبُر فوقَ الله والشيطانَ دربي أنا أبعدُ من دروب الإله والشيطانَ-</p> <p>أعبُر في كتابي في موكب الصاعقة المضيئة في موكب الصاعقة الخضراء أهتفُ - لا جنَّة لا سقوط بعدي وأمحو لغةَ الخطيئة</p>
--	--

<p>Tenho segredos</p> <p>Tenho segredos para caminhar sobre a teia da aranha tenho segredos para viver sob as pálpebras de um deus que não morre. Apaixonado habito em meu rosto, em minha voz. Tenho segredos para que gerações futuras venham até mim após a minha morte.</p>	<p>لِي أسراري</p> <p>لِي أسراري لأمشي فوق بيت العنكبوت لِي أسراري لأحيا تحت أهداب إله لا يموتُ. عاشق أسكن في وجهي وصوتي - لِي أسراري ليأتي لي نسلٌ بعد موتي</p>
--	---

Orfeu	أورفيوس
<p>Apaixonado desço até a escuridão do inferno como a pedra, eu ilumino tenho um encontro com os oráculos no leito de um deus antigo minhas palavras são os ventos que agitam a vida minhas canções são faíscas sou a língua do deus que chega sou o mago do pó.</p>	<p>عاشقٌ أتدحرج في عَمَمَاتِ الجحيمِ حَجْرًا ، غير أنني أُضيءُ إنَّ لي موعداً مع الكاهناتِ في سرير الإله القديمِ كلماتي رياحٌ تهزُّ الحياةَ وغنائِي شرارٌ. إنني لغةٌ لإله يجيءُ إنني ساحرُ الغبارِ.</p>

Viagem	سفر ...
<p>Viajarei nas ondas nas asas visitarei os pássaros que migraram de nós o céu da sétima galáxia visito os lábios os olhos cheios de gelo e a lâmina brilhante no inferno de deus. me ausentarei, apertarei meu peito irei atá-lo com o vento ao longe, deixarei meus passos numa encruzilhada</p>	<p>سأسافر في موجةٍ في جناحٍ سأزور العصور التي هجرتنا والسَّمَاءَ الهَلَامِيَّةَ السَّابِعةَ، وأزورُ الشِّفاهِ والعيون المليئةً بالثلج، والشِّفْرَةَ اللَّامِعةَ في جحيم الإله؛ سأغيب، سأحزم صدري وأربطه بالرياحِ وبعيداً سأتركُ خطوي في مفرقٍ، في متاهةٍ...</p>

num labirinto.	
----------------	--

Eu disse a vocês	قلت لكم
Eu disse a vocês	قلت لكم أصغيتُ للبحارُ
escutei o mar ler seus poemas	تقرأ لي أشعارَها ؛ أصغيتُ
escutei o sino adormecido na ostra.	للجرس النائم في المحار ؛
Eu disse a vocês	قلت لكم غنيتُ
cantei nas bodas de Satã	في عرس الشيطان ، في وليمة الخرافة ؛
no banquete do ħurafa.	قلت لكم رأيتُ
Eu disse a vocês	في مطر التاريخ ، في توهج المسافة
vi na chuva da história	جنيتُ وبيتُ ؛
no brilho da distância	لأنني أبحر في عيني
um gênio e uma casa	
eu navego em meus olhos.	قلت لكم رأيتُ كلَّ شيءٍ
Eu disse a vocês	في الخطوة الأولى من المسافة.
eu vi tudo	
no primeiro passo do caminho.	

Basta você ver (Vozes)	يكفيك ان ترى (أصوات)
Basta você ver	يكفيك أن ترى
morrer distante	يكفيك أن تموتَ من بعيدٍ
abraçar o pó.	أن تحضنَ الدُّرى.
Em seus olhos não há silêncio	

<p>não há palavras</p> <p>você é como a fumaça</p> <p>sua pele cai em um lugar</p> <p>e você está em outro lugar.</p> <p>Basta você viver no labirinto</p> <p>derrotado</p> <p>mudo como um prego</p> <p>Deus não irá brilhar em seu rosto</p> <p>Mihyar, basta</p> <p>esconder o segredo apagado.</p> <p>Basta você ver</p> <p>morrer distante.</p>	<p>لا صمّت في عينيك لا كلام</p> <p>كأنك الدخان</p> <p>جلدك يساقط في مكان</p> <p>وأنت في مكان -</p> <p>يكفيك أن تعيش في المتاه</p> <p>منهزماً أخرس كالمسمار</p> <p>لن تلمح الله على الجباه ؛</p> <p>يكفيك يا مهيأ</p> <p>أن تكتم السر الذي محاة.</p> <p>يكفيك أن ترى</p> <p>يكفيك أن تموت من بعيد.</p>
--	---

<p>A lâmpada</p> <p>Leva sua lanterna à luz do dia</p> <p>à procura da humanidade</p> <p>em seus olhos não há areia</p> <p>caminha com sandálias de pó</p> <p>dorme enterrado em um barril.</p> <p>- E você, o que quer?</p> <p>- Não tenho olhos.</p> <p>Entre mim e os meus irmãos está Abel.</p> <p>Entre mim e os outros há um tufão.</p> <p>Quando a noite e o dia dormem</p>	<p>المصباح</p> <p>يحمل في رابعة النهار</p> <p>مصباحه يبحث عن إنسان</p> <p>لا رمل في عينيه ؛</p> <p>يسير في خوف من الغبار</p> <p>ينام في برميل</p> <p>ملتجئاً كفيّة.</p> <p>- وأنت ، ماذا؟</p> <p>- ليس لي عينان .</p> <p>بيني وبين إخوتي قابيل</p>
---	---

surpreendo o assassino caminho atrás de mim caminha o pó mas vou sem lâmpada.	بينني وبين الآخر الطوفان. حين ينام الليل والنهار أغافل السقّاح أمشي ويمشي خلفي الغبار ، لكنني أمشي بلا مصباح.
--	---

Procuo Odisseu Me perco na caverna de enxofre abraço as faíscas descubro os segredos na nuvem de incenso, nas unhas do Ifriti. Procuo Odisseu talvez, ele me faça uma escada com seus dias talvez me diga o que as ondas não sabem.	أبحث عن أوديس أشرد في مغاور الكبريت أعانق الشرار أفاجئ الأسرار في غيمة البخور في أظافر الغفريت- أبحث عن أوديس لعله يرفع لي أيامه معراج لعله يقول لي، يقول ما تجهله الأمواج...
---	---

Terra sem retorno Mesmo que você regresse, Odisseu mesmo que a distância te oprima que a trilha se incendei diante do seu rosto desconsolado ou em seu terror íntimo você permanecerá como a história de uma viagem permanecerá na terra sem retorno	الأرض بلا معاد حتى ولو رجعت يا أوديس حتى ولو ضاقت بك الأبعاد واحترق الدليل في وجهك الفاجع أو في رعبك الأنيس، تظلّ تاريخاً من الرحيل تظلّ في أرض بلا معاد،
---	---

mesmo que você regresse, Odisseu.	تَظَلَّ فِي أَرْضٍ بِلَا مَعَادٍ ، حتى ولو رجعت يا أوديس.
-----------------------------------	--

Odisseu	أوديس
-Quem é você? De onde você veio? Ó língua virgem que só você conhece. Qual é o seu nome, que estandarte você levou, ou lançou?	"من أنت؟" من أي الذرى أتيت ؟ يا لغة عذراء لا يعرفها سواك. ما اسمك - أي راية حملت أو رميت؟
- Você pergunta, Alcino?	تسأل الكينوس؟
Você quer descobrir o rosto de um morto?	تريد ان تكشف وجه الموت؟
Você pergunta de onde vim, pergunta meu nome.	تسأل من أي الذرى أتيت
Meu nome é Odisseu	تسأل ما اسمي - اسمي أنا أوديس
venho de uma terra sem fronteiras	أجيء من أرض بلا حدود
carregada nos ombros da humanidade	محمولة فوق ظهور الناس
me perdi aqui	ضعت هنا و ضعت مع قصائدي هناك
me perdi lá com meus poemas	أجهل أن أبقى و أن أعود.
aqui, estou entre o medo e o desespero	
não sei se fico ou retorno.	

III- O deus morto

Salmo (III)

Sou a primeira e última luz do dia - coloco meu rosto no raio, digo ao sonho que seja meu pão.

Ergo a borboleta, estandarte em que escrevo meus nomes.

Árvore que muda seu nome e vem até mim, pedra que se lava em minha voz, campo que se cobre com minhas folhas – eis o meu exército, minhas armas são as ervas.

Inscribo meu rosto na pedra e no vento, inscribo meu rosto na água, habito o horizonte, em minha frente há uma máscara de ondas.

Vou em direção ao distante, e a distância permanece. Nunca chego, mas ilumino. Continuo distante, o distante é minha pátria. Crio um país amigo como lágrima.

Aqueles que minam a casca do mundo, plenos como brasa, aqueles que limitam o horizonte, aqueles que dele se apoderam e o golpeiam até sangrar, aqueles que descansam na sombra das borboletas. A eles dei os meus nomes. Eu corro. Deuses são cercas ao meu redor, eu os prendo, os conquisto e quando os toco, visto os funerais como luva. Habito as conchas do sonho, anuncio o ser interior. (-Olhe para trás, Orfeu. Aprenda a caminhar pelo mundo).

Anuncio a inundação da recusa.

Anuncio seu gênese.

Converso com as cavernas, converto as montanhas em palavras as grutas em música, danço com o ar, levo meus anseios para terra, escrevo um feitiço para meus dias, quebro o contador do tempo, planto minha distância com membros decepados, e deixo que as distâncias me carreguem.

مزمور

أول النهار أنا و آخر من يأتي – أضع وجهي على فوهة البرق و أقول للحلم أن يكون خبزي

أرفع الفراشة ببرقاً أكتب عليه أسمائي

شجرةٌ تغيّر اسمها و تأتي إليّ, حجر يغتسلُ بصوتي, سهلٌ يكتسي بأوراقي – هذه جُيوشي و سلاحِي العشب

أنقش وجهي على الرّيح و الحجر, أنقش وجهي على الماء, أسكن الأفق, و على جبيني قناعٌ من الموج

أنّجه نحو البعيد و البعيد يبقى. هكذا لا أصل, و لكنني أضيء. إنبي بعيد و البعيد وطني. أخلق وطناً صديقاً كالدمع

الذين يلغمون قشرة العالم, المليئون كالجمر, الذين يُتأخمون الأفق, الذين يغتصبونه و يضربونه حتى يدمى, الذين يتقبّأون ظل الفراشات

هؤلاء سميتهم بأسمائي. أنا الراكض و الالهة سياجٌ حولي أخطفها و أغزوها و حين أجسّها ألبس الماتم قفّازاً, أنا السكن في أصداف الحلم, المعلن إنسان الداخل – (انظر وراءك يا أرفيوس, تعلّم كيف تسير في العالم)

أعلن طوفانَ الرّفص,

أعلن سِفْر تكوينه

أحاور الكهوف, أصيّر الجبال كلماتٍ و أمّسّق الحُفَر, أراقض لأثير و أحمل أشواقي إلى الأرض, أكتب رقيةً لأيامي و أكسر عدّادَ الوقت, أغرس مسافاتي بالأشلاء و أترك للأبعاد أن تقودني

Pela primeira e última vez	لمرة واحدة
<p>Pela primeira e última vez sonho que estou caindo no espaço - vivendo na ilha das cores vivendo como a humanidade reconciliando os deuses cegos e os deuses que podem ver pela última vez.</p>	<p>لمرة واحدة لمرة أخيره أحلم أن أسقط في المكان - أعيش في جزيرة الألوان أعيش كالإنسان أصالح الآلهة العمياء و الآلهة البصيرة لمرة أخيره</p>

Reza	صلاة
<p>Rezei para você permanecer nas cinzas não sentir a luz do dia e nunca despertar não conhecemos sua noite não navegamos na escuridão Fênix, rezei para que o feitiço se acalme e nosso encontro seja no fogo e nas cinzas rezei para que a loucura seja nosso guia.</p>	<p>صليت أن تظل في الرماد صليت ألا تلمح النهار أو تُفيق لم نختبر ليلاً ، لم نُبحر مع السّواد ؛ صليت يا فينيق أن يهدأ السّحر وأن يكون موعدنا في النار في الرماد صليت أن يقودنا الجنون</p>

O Viajante	المسافر
<p>Meu rosto deixei no vidro do lampião.</p>	<p>مسافر تركت وجهي على زجاج قنديلي</p>

Um viajante - meu mapa é terra sem criador a recusa é o meu evangelho.	خريطتي أرض بلا خالقٍ و الرفضُ إنجيلي.
--	--

Depois do silêncio	بعد السكوت
Eu grito depois do silêncio silêncio que não se abre às palavras. Eu grito quem de vocês pode me ver restos ínfimos restos que morrem sob o silêncio. Eu grito e assim, nasce o vento em minha voz a manhã se torna linguagem em meu sangue e em minhas canções. Eu grito quem de vocês pode me ver sob o silêncio que não se abre às palavras. Eu grito quero a certeza de estar só eu e as trevas.	أصرخُ بعد السكوت الذي لا يُغامرُ فيه الكلامُ أصرخُ مَنْ مِنْكُمْ يراني يا بقايا بلا قامَةٍ يا بقايا تموتُ تحت هذا السكوتُ أصرخُ كي تتوالدَ في صوتي الرياحُ كي يصيرَ الصباحُ لغةً في دمي و أغناني. أصرخُ: مَنْ مِنْكُمْ يراني تحت هذا السكوت الذي لا يُغامرُ فيه الكلامُ. أصرخُ كي أتيقنَ أنني وحدي – أنا و الظلامُ.

Pedra do raio	حجر الصاعقة
<p>Sou a pedra do raio o deus que se encontra na encruzilhada perdida. Sou o estandarte erguido nas pálpebras de nuvens passageiras e chuvas torrenciais. Sou o errante que vaga por inundações e fogo misturando o céu e a poeira. Eu sou a língua do relâmpago e do raio.</p>	<p>إنني حجرُ الصاعقة والإله الذي يتلاقى مع المفرق الضائع وأنا الراية العالقه بجفون السحاب المشرّد والمطر الفاجع؛ وأنا التائه الذي يتقدم سيلاً ونارا مازجاً بالسماء الغبارا؛ وأنا لهجة البرق والصاعقه.</p>

Rosto errante	تائه الوجه
<p>Rosto errante – rezo ao meu pó canto à minha alma exilada ao milagre incompleto avanço pelo mundo queimado por minhas canções e prolongo o limiar.</p>	<p>تائه الوجه - أصلي لغباري وأغني روعي المغتربه وإلى معجزة لم تكتمل ، أخطى عالماً تحرقه أغنياتى وأمد العتبه</p>

Crio uma terra	أخلق أرضاً
<p>Crio uma terra que se revolta e me trai</p>	<p>أخلق أرضاً تتورّ معي و تخونُ</p>

crio uma terra posso senti-la em minhas veias. Desenho o céu com meu trovão enfeito com meus relâmpagos as fronteiras são raios e ondas minha pálpebra é a bandeira.	أَخْلَقُ أَرْضاً تَجَسَّسْتُهَا بِعُرُوقِي وَرَسَمْتُ سَمَواتِهَا بِرُعْدِي وَزَيَّنْتُهَا بِبُرُوقِي، حَدَّهَا صَاعِقٌ وَ مَوْجٌ وَرَاياتُهَا الْجَفُونَ.
--	--

A traição Ah, bendita traição! Mundo, que em meus passos se prolonga em abismo e fogo. Ó cadáver antigo, mundo que trai e sigo traindo. Sou o afogado que reza com as pálpebras ao murmúrio das águas eu sou deus o deus que irá abençoar a terra do crime. ... Sou um traidor troco minha vida pelo caminho maldito eu sou o mestre da traição.	الْخِيَانَةُ أَه يَا نِعْمَةَ الْخِيَانَةِ— أَيُّهَا الْعَالَمُ الَّذِي يَنْطَاوِلُ فِي خُطَوَاتِي هُوََّةٌ وَحَرِيقُهُ أَيُّهَا الْجَنَّةُ الْعَرِيقَةُ، أَيُّهَا الْعَالَمُ الَّذِي خَنَنِي وَأَخُونَنِي. أَنَا ذَاكَ الْغَرِيقَ الَّذِي تَصَلِّي جَفُونُهُ لَهْدِيرِ الْمِيَاهِ، وَأَنَا ذَاكَ الْإِلَهَ— الْإِلَهَ الَّذِي سَيُبَارِكُ أَرْضَ الْجَرِيمَةِ. إِنِّي خَائِنٌ أَبِيعَ حَيَاتِي لِلطَّرِيقِ الرَّجِيمِ، إِنِّي سَيِّدُ الْخِيَانَةِ.
--	--

A concha	الصدفة
<p>Você teve medo? Seu rosto derrotado se transformou.</p> <p>Ó Satã, carruagem que me leva acima das estrelas</p> <p>não temo o caminho mudo</p> <p>sou o vento do Simun</p> <p>eu sou como a concha:</p> <p>minha tumba foi escavada</p> <p>sob meu rosto</p> <p>...</p> <p>Abandone os sonhos de seus cílios trêmulos</p> <p>e fique em minha garganta.</p> <p>Ó Satã, carruagem que me leva abaixo das estrelas.</p>	<p>خَفَّتْ ؟ غَيْرَ وَجْهَكَ الْمُنْهَزَمَا</p> <p>أَيُّهَا الشَّيْطَانُ يَا مَرْكَبَتِي فَوْقَ النُّجُومِ.</p> <p>أَنَا لَا أَخْشَى الطَّرِيقَ الْأَبْكَمَا</p> <p>إِنِّي رِيحٌ سَمُومٌ</p> <p>إِنِّي كَالصَّدْفَةِ:</p> <p>تَحْتَ وَجْهِي خُفِرَتْ مَقْبَرَتِي.</p> <p>أُهْجِرَ الْأَحْلَامَ فِي أَهْدَابِكَ الْمُرْتَجِفَةِ</p> <p>وَأَبْقَ فِي حُنْجَرَتِي،</p> <p>أَيُّهَا الشَّيْطَانُ يَا مَرْكَبَتِي تَحْتَ النُّجُومِ</p>

O deus morto	الإله الميت
<p>Hoje queimei a ilusão do sábado</p> <p>a ilusão da sexta-feira</p> <p>hoje arranquei o véu da casa</p> <p>troquei o deus de pedra cega e o deus de sete dias</p> <p>por um deus morto.</p>	<p>الْيَوْمَ حَرَقْتُ سَرَابَ السَّبْتِ سَرَابَ الْجُمُعَةِ</p> <p>الْيَوْمَ طَرَحْتُ قَنَاعَ الْبَيْتِ</p> <p>وَبَدَلْتُ إِلَهَ الْحَجَرِ الْأَعْمَى وَإِلَهَ الْأَيَّامِ السَّبْعَةِ</p> <p>بِإِلَهٍ مَيِّتٍ.</p>

Deus ama o sofrimento	إله يحب شقاءه
<p>Ao deus que se desgarra em meus passos eu, Mihyar, o maldito ofereço mortos em sacrifício rezo ao lobo ferido. Mesmo que a tumba boceje em minhas palavras abraço minha canção pelo deus que nos afasta das pedras que ama o sacrifício que até o inferno abençoa reza comigo e devolve ao rosto a vida inocente.</p>	<p>لِلإله الذي يتمزقُ في خُطواتي – أنا مهيار هذا الرَّجِيمُ، أرفع المَيِّتِينَ ذبيحهُ و أصلي صلاة الذناب الجريحه. غيرَ أَنَّ القبور التي تتنأبُ في كلماتي حَضَنْتُ أغنياتي بإله يُزيح الحجارة عَنَّا، يُحِبُّ شقاءهُ و يُبارك حتى الجحيمُ فيصلي معي صلواتي و يردّ لوجه الحياة البراءة.</p>

Sacrifício	قربان
<p>Em cavernas de castigos antigos quando amava a deus e as mulheres dos palácios quando vivíamos eu, e a loucura companheira me perdi entre os meses atravessei o deserto deixando cair minhas folhas pelo caminho.</p>	<p>في كهوفِ العذاب العتيقُ حيث كنتُ أحب الإله أحب نساء القصورُ حيث عشنا – أنا و الجنون الصديقُ، ضعْتُ بين الشهورُ فعبرت المفازهُ و تركت ورائي الطريق.</p>

<p>Em nome do Senhor que escreve o próprio livro em cavernas de castigos antigos ergo esta chama sacrifício uma mosca em nome dos sóis que avançam dou início a este funeral.</p>	<p>باسم ربّ يخطّ كتابه في كهوف العذاب العتيق، أرفعُ هذا الحريقُ و أضحيّ دُبابه، باسم تلك الشموس التي تتقدّم أبدأُ هذه الجنّازة.</p>
---	---

<p>À Sísifo</p> <p>Jurei escrever acima da água carregar com Sísifo sua pedra surda. Jurei ficar com Sísifo ceder à febre e à faísca buscar nos olhos cegos a última pluma que escreva às plantas e ao outono o poema do pó. Jurei viver com Sísifo.</p>	<p>إلى سيزيف</p> <p>أقسّمتُ أن أكتبَ فوق الماء أقسّمتُ أن أحمل مع سيزيف صخرته الصّماء. أقسّمتُ أن أظلّ مع سيزيف أخضع للحمّى و للشرار أبحثُ في المحاجر الضريره عن ريشةٍ أخيره تكتبُ للعشب و للخريف قصيدة الغبار. أقسّمتُ أن أعيش مع سيزيف.</p>
---	--

<p>Ventos da loucura</p> <p>A carruagem do dia oxidou o cavaleiro oxidou. Venho de longe</p>	<p>رياح الجنون</p> <p>صدّنتُ عَرَباتِ النهار صدّىء الفارس.</p>
---	---

de um país de raízes estéreis meu cavalo é uma flor seca meu caminho é intransponível. Quem zomba de mim? Quem? Fujam! Eu vim dali envolto pelo pecado trago o vento da loucura.	إنني مقلِّدٌ من هناكَ من بلاد الجنور العقيمة، فَرَسِي برعمٌ يابسٌ وطريقي حِصارٌ. ما لكم، ما لكم تَسْخَرُونَ؟ اهْرُبُوا فأنا من هناكَ جئتكم، فلبستُ الجريمةَ وحملتُ إليكم رياحَ الجنونِ .
---	---

Confissão Não resta nada apenas o cadáver da noite minhas mãos cortadas em partes do dia não resta nada apenas pedras debaixo das pálpebras. Tantas vezes supliquei ao Senhor Inflexível e aos frutos tantas vezes saciei com meus olhos a fome das árvores tantas vezes andei sobre os meus cílios rompidos por um encontro – um abraço pagão eu, Deus e as ruínas do dia.	اعتراف ليس إلا جثة الليل و أشلاء يدي في تقاطيع النهار ليس إلا حَجَرٌ تحت الجفونِ أه كم صليتُ للربِّ الحرونِ للثمارِ أه كم أطعمتُ عينيَّ الجوع الشجرة و لكم سرتُ على أهدابي المنكسرة لللقاء – لعناقٍ وثني أنا و الله و أنقاض النهار.
--	---

IV- Iram das colunas

Inocência	براءة
<p>Eu acuso os fantasmas acuso o <i>Ruh</i> que botou seus ovos no ombro da gênica cega. Acuso os ventos a vela e a galinha muda; Acuso a cobra alada (Ó débeis asas leprosas) Acuso as árvores e a água.</p> <p>Mas você, céu nosso luminoso companheira do sultão, de deus é inocente de nosso sangue inocente.</p>	<p>أَتَّهَمُ الْأَشْبَاحَ أَتَّهَمُ الرُّوحَ الَّذِي يَبْيِضُ فِي كَتِفِ الْجَنِّيَّةِ الْعَمِيَاءِ؛ أَتَّهَمُ الرِّيَّاحَ وَالشَّمْعَ وَالدَّجَاجَةَ الْخُرْسَاءَ؛ أَتَّهَمُ الثَّعْبَانَ ذَا الْجَنَاحِ يَا لِلجَّنَاحِ الْأَبْرَصِ الْمُهَيِّضِ؛ أَتَّهَمُ الْأَشْجَارَ وَالْمِيَاهَ- فَأَنْتِ يَا سَمَاءَنَا الْمُضِيئَةَ يَا زَوْجَةَ السُّلْطَانِ وَالْإِلَهَ بَرِيئَةٌ مِنْ دَمِنَا بَرِيئَةٌ.</p>

A era de ouro	عصر الذهب
<p>“Tire ele daqui, oficial...” - “Senhor, sei que a guilhotina me espera sou um poeta, sirvo ao meu fogo, eu amo o Gólgota.”</p> <p>“Tire ele daqui, oficial! Diga a ele que o sapato do oficial é mais bonito que sua cara.”</p>	<p>"جره يا شرطي ..." "سيد ، أعرف أن المقصلة بانتظاري غير أنني شاعر ، أعبد ناري. أنا أحب الجلجلة ." "جره يا شرطي ..."</p>

<p>Ó era dos calçados de ouro você é mais precioso e mais bonito.</p>	<p>قل له أن حذاء الشرطي هو من وجهك أجمل "</p> <p>آه يا عصر الحذاء الذهبي أنت أغلى وانت أجمل.</p>
---	--

<p>As coisas</p> <p>E se eu rompesse a ferida até o crime e inundasse os estandartes e a loucura eu tenho um chapéu mágico em caso de vitória ou derrota lanço o sonho sobre as pálpebras estou na terra e não existo.</p> <p>Mas me amarrei às coisas ao meu rosto, meus membros e deus me contento em viver sem amuleto em desenhar a vida com a morte, as nuvens e as coisas me contento em viver com as coisas.</p>	<p>أشياء</p> <p>لو أنني أخترق الجرح إلى الجريمة لو أنني أموه الرايات وجنون لكن لي قبعة الإخفاء لكننت في النصر و في الهزيمة أقتحم الحلم على الجفون أكون في الأرض ولا أكون.</p> <p>لكنني ربطت بالأشياء و وجهي و أعماقي و الإله رضيت أن أحيأ بلا تميمة أن أرسم الحياه بالموت و السراب والأشياء رضيت أن أحيأ مع الأشياء.</p>
--	---

<p>Adorne-se com areia</p> <p>Adorne-se com areia e lobos, mulher do vento</p>	<p>تزيّني بالرّمْل</p> <p>تزيّني بالرّمْل والدّنّاب</p>
---	--

damasceno	يا امرأة الرِّيح الدَّمشقيَّة،
não tenho lua e vestes	لا قمرٌ عندي ولا ثيابٌ
mas ousei dormir	لكنني جرؤْتُ أن أنامَ
em seu rosto morto como o golfo	في وجهك الميَّت كالخليجِ
em seu rosto consagrado ao soluço.	في وجهك المنذور للنَّشيجِ
Língua atacadada no porto de palavras que não saúdam.	يا لغةً ترسو بلا تحيَّة
Ó mulher do vento damasceno.	في مَرَفَأِ الكلامِ
	يا امرأة الرِّيح الدَّمشقيَّة.

Pátria	وطن
Com este rosto, sob uma máscara de melancolia	لِلوَجْهِ التي تَتَبَّسُّ تحت قناع الكآبه
eu me curvo	أنحني؛ لدروبِ نسيبٍ عليها دموعي
deixei minhas lágrimas pelo caminho	لأبٍ مات أخضرًا كالسحابه
pelo pai morto, verde como as nuvens	وعلى وجهه شراعٌ
sobre seu rosto há uma vela	أنحني؛ ولطفلٍ يُباغِ
eu me curvo	كي يُصَلِّيَ وكي يمسحَ الأُحْذيه-
por uma criança vendida	كلنا في بلادٍ نصلِّي كلنا نمسح الأُحْذيه
para se suplicar, e para lustrar o sapato	ولِصخرٍ نقشتُ عليه بجوعي
(em nosso país, todos rezam, todos lustram sapato).	أنَّه مَطَرٌ يَنْدَحْرُجُ تحت جفوني وَبَرَقُ
pela rocha que inscrevi com minha fome	ولبيتٍ نقلتُ معي في ضياعي ثُرَابَه
chuva e trovões descem sob minhas pálpebras	أنحني - هذه كلها وَطْني ، لا دِمَشقُ.
e pela casa me mudei	
com minha perdição, o pó	
eu me curvo – tudo isso é meu país, não	

Damasco.	
----------	--

O rosto distante	الوجه البعيد
Quando rompi a casca e a pele	حين كسرتُ القِشْرَ والجِلْدَ
quando matei a lua encobridora com magia e fumaça	حين قتلْتُ القمرَ المغطَّى بالسَّحَرِ والدَّخَانِ،
entrei em suas cavidades iluminadas	دخلْتُ في أغوارِكِ المضاءة
pela grama e inocência	بالعُشْبِ والبراءة،
aproximei o rosto do mundo distante	قربْتُ وجه العالم البعيد.
não estou em minha cama coberta com a loucura da areia do sono	لست على سريري المفروش بالجنون
não estou com a casca, ou a aridez	رملية النعاس
ó esposa das dores e granito	لست معي قشراً ولا يباس
ó irmã de <i>Qasyum</i> .	يا امرأة الآلام والصَوَانِ يا أخت قاسيون".

Šaddad	شَدَادُ
Voltou	عاد شَدَادُ عادَ
Šaddad voltou	فارفعوا راية الحنينِ
ergam o estandarte da nostalgia	واتركوا رفضكم إشارَه
deixem suas recusas como sinal	في طريق السنينِ
no caminho dos anos	فوق هذي الحجاره،
sobre esta rocha	باسم ذات العماد.
em nome destas colunas.	
É a pátria dos renegadores	إنها وطنُ الرافضيين

daqueles que levaram suas vidas na perdição romperam o selo dos frascos de perfume eles zombam da promessa de uma ponte segura esta é nossa terra, nossa única herança somos seus filhos, aquele que aguardam o juízo final.	الَّذِينَ يَسُوقُونَ أَعْمَارَهُمْ يَأْسِينَ كَسَرُوا خَاتَمَ الْقَمَاقِمِ وَاسْتَهْزَأُوا بِالْوَعْدِ بِجَسورِ السَّلَامَةِ، إِنَّهَا أَرْضُنَا وَمِيرَاثُنَا الْوَحِيدُ نَحْنُ أَبْنَاءُهَا الْمُنْتَظَرِينَ لِيَوْمِ الْقِيَامَةِ.
--	--

V- Tempo pequeno

Não há palavras entre nós	لا كلمات بيننا
A areia deixou nossos cílios?	هل تترك الرمال أهدابنا
A tempestade lavou a casca da terra?	هل يغسل الطوفان الأرض؟
Desgarrem-se, sementes, e queimem	تفتتي و احترق يا بذور
não há palavras entre nós, não há eco.	لا كلمات بيننا ، لا صدی -
A ponte desabou antes do caminho.	تهدمت قبل الطريق الجسور.

A concha	القوقعة
O rosto da cidade passou pelos nossos cílios	مرّ في أهدابنا وجه المدينة
estou perdido sob uma máscara de gelo	ضائعاً تحت جليد الأقنعه
nós gritamos	فهتفنا
vivemos em buracos da cidade	

como os caracóis, em concha ó recusa, descubra-nos!	نحن نحيا في تجاويف المدينه كالحلزين وراء القوقعه، أيها الرفضُ اكْتَشِفْنَا.
--	---

Os perdidos	التائهون
Ó errantes delirantes que chegam antes do caminho que chegam antes do chamado em nome de vocês a aurora avança, mágica tomando tudo como fogo para vocês entregamos nossas terras e belas virgens. Em ventos tenazes foram escritos estes poemas. Ó errantes delirantes.	أيها التائهون الحيارى الذين يجيئون قبل الطريق، الذين يجيئون قبل النداء باسمكم يتقدّم فجر السماء ساحراً أخذاً كالحرّيقِ ولكم أرضنا وجميلاتنا العذارى ولكم، في الرياح العنيدة، كُتِبَت هذه القصيدة، أيها التائهون الحيارى.

A perdição	الضياعُ
A perdição, a perdição a perdição nos redime e conduz nossos passos a perdição um brilho, e nada mais é a mascara a perdição nos unifica com nós mesmos a perdição pendura o rosto do mar	الضياعُ الضياعُ... الضياعُ يخلصنا ويقود خطانا والضياعُ ألقِ وسواه القناعُ؛ والضياعُ يوحدنا بسوانا والضياعُ يعلّق وجه البحارِ

com nossa visão. A perdição está à espera.	برؤانا والضياعُ انتظارٌ.
---	-----------------------------

O retorno do sol	عودة الشمس
O destino agita-se nos mares os selos da superstição se romperam aí estão os buracos deixe-nos semear a praia com as conchas e ancorar a arca no Monte Senin deixe-nos destruir o dragão ó mestre da superstição.	أَلْقَدْرُ اهْتَزَّ عَلَى الْبَحَارِ وَانكسرت خواتم الخرافه وها هي الأغوارُ، فأثركُ لنا أن نزرع الشيطانَ بالمحارِ أن نُرسِيَ الفلَّك على صِنينِ واتركُ لنا أن نصعقَ التتئينِ يا سيّد الخرافه.
Quando os sinos e o caminho lamentarem a partida do sol da cidade desperte-nos, ó chama do trovão da colina desperte-nos, ó Fênix gritamos para aplaudir a visão do fogo triste antes do amanhecer e antes do que é dito levamos seus olhos pelo caminho no retorno do sol à cidade.	وحينما تنتحبُ الأجراس والطريقُ في هجرة الشمس عن المدينه أيقظُ لنا، يا لهبَ الرّعد على التلالِ أيقظُ لنا فينيقٍ - نهتفُ لرؤيا ناره الحزينه قبل الضّحى وقبل أن تُقالَ نحملُ عينيه مع الطريقِ في عودة الشمس إلى المدينه.

O tempo pequeno	الزمان الصغير
Temos a visão da miragem, o dia cego o cadáver do guia	ألسراب المرائي لنا والنهار الضريزُ

<p>somos a geração do navio</p> <p>filhos deste tempo pequeno</p> <p>mares tranquilos nos levaram</p> <p>mares que recitam a elegia da partida</p> <p>nos levaram ao labirinto.</p> <p>Somos o longo diálogo</p> <p>entre nossos escombros e deus.</p>	<p>ولنا جنة الدليل،</p> <p>نحن جبل السفينة</p> <p>نحن أبناء هذا الزمان الصغير.</p> <p>أسلمتنا البحار الأمانة</p> <p>البحار التي تُرثل مرتبة الرّحيل</p> <p>أسلمتنا إلى المتأه –</p> <p>نحن جبل الحوار الطويل</p> <p>بين أنقاضنا والإله.</p>
--	---

VI- Extremos do mundo

<p>Extremos do mundo</p> <p>O possível não se importou comigo.</p> <p>Eu me alegro e sofro</p> <p>em meus hinos</p> <p>na criação do meu evangelho.</p> <p>Procuro um refúgio</p> <p>um mundo que começa</p> <p>nos extremos do mundo.</p>	<p>تطرف العالم</p> <p>ما همّني الممكن - أفرح أو ألم</p> <p>ففي تراثيل</p> <p>من صنع أنجيلي</p> <p>أبحث عن مخبأ</p> <p>عن عالم يبدأ</p> <p>في تطرف العالم.</p>
---	--

<p>Adão</p> <p>Adão sussurrou-me</p>	<p>آدم</p> <p>وشوشني آدم</p>
---	-------------------------------------

com muita dor	بغصة الـآه
em voz baixa	بالصمت ،بالأته -
queixando-se:	"لست أبا العالم
"Não sou o pai do mundo	لم ألمح الجنة
não vislumbro o paraíso	خذني إلى الله . "
leve-me até Deus."	

Ilha de pedra	جزيرة الحجر
	حول خطاي تُبْكَرُ
Em volta dos meus passos	جزيرة من الحجر
uma ilha de pedra e faíscas se forma	من الشرر-
suas ondas são pousadas	أمواجها مقيمة
as praias vão em movimento.	وشطها على سقر.

A aurora rompe sua linha	الفجر يقطع خطه
	الفجر يقطع خطه
A aurora rompe sua linha	يضع الجفون على التراب
coloca a pálpebra no pó	ويدي ساريتان تحتضنان
minhas mãos são duas colunas que apertam	أشعة الغياب.
as velas da ausência.	رحلت شبابيكي-
Minhas janelas se foram	فما من زهرة ما من كتاب
não há flores, não há livros	أنا والزوايا،
apenas eu e os recantos	لي خيوطي الراهنات ، ولي غرابي.
tenho os meus fios finos	
tenho meu corvo.	

Quem é você?	من انت؟
<p>A borboleta tem os meus olhos um assombro ressoa em minhas canções.</p> <p>- Quem é você?</p> <p>- Uma lança perdida um Senhor que vive sem preces.</p>	<p>عياني عند فراشة ورَّعب يضرب أغنياتي</p> <p>- من انت؟</p> <p>- رمح تائه رب يعيش بلا صلاة.</p>

Novo Noé	نوح الجديد
<p>I</p> <p>Partimos com a arca, com nossos remos com uma promessa de Deus debaixo da chuva na lama vivemos enquanto a humanidade morre partimos com as ondas o espaço era uma corda de mortos atada à nossas vidas entre nós e o céu havia uma janela para as súplicas.</p> <p>“Ó Senhor, por que salvou a nós entre todas as pessoas e seres? Onde você nos deixou? Em sua outra terra?</p>	<p>I</p> <p>رحنا مع الفلْكَ، مجاديفنا وعدُّ من الله وتحت المطرُ والوَحْل، نحيا ويموت البَشَرُ.</p> <p>رحنا مع الموج وكان الفضاءُ حبلاً من الموتى ربطنا به أعمارنا وكان بين السماء وبيننا نافذةٌ للدعاء.</p> <p>..</p> <p>"يا ربِّ، لِمَ خَلَصْتَنَا وَحَدَّنَا من بين كلِّ الناس والكائنات؟ وأين تُلقينا، أفي أرضك الأخرى، أفي موطننا الأولِ في ورق فينا ، في شراييننا رعبٌ من الشَّمْس ؛ يُنسنا من النُّور</p>

<p>Em nossa terra primordial?</p> <p>Nas folhas da morte, no vento da vida?</p> <p>Ó Senhor, há em nossas artérias</p> <p>um temor ao sol, nós renunciamos à luz</p> <p>renunciamos ao amanhã que chega</p> <p>regressamos à vida no principio.</p> <p>E se não tivéssemos nos tornado sementes</p> <p>para criação, para a terra e sua geração</p> <p>e, se tivéssemos permanecido barro</p> <p>ou brasa, se tivéssemos permanecido no</p> <p>estado intermediário</p>	<p>يَنَسْنَا مِنْ غَدٍ مُقْبِلٍ</p> <p>فِيهِ نُعِيدُ الْعَمَرَ مِنْ أَوَّلٍ.</p> <p>..</p> <p>يَا لَيْتَ أَنَّا لَمْ نَصِرْ بِذَرَّةٍ</p> <p>لِلْخَلْقِ، لِلْأَرْضِ وَأَحْيَالِهَا</p> <p>يَا لَيْتَ أَنَّا لَمْ نَزَلْ طِينَةً</p> <p>أَوْ جَمْرَةً ، أَمْ لَمْ نَزَلْ بَيْنَ بَيْنٍ</p> <p>كَي لَا نَرَى الْعَالَمَ كَي لَا نَرَى</p> <p>جَحِيمَهُ وَرَبَّهُ مَرَّتَيْنِ"</p>
<p>II</p> <p>Se o tempo voltasse ao início</p> <p>e o rosto da vida se encharcasse de água</p> <p>a terra tremesse, deus se esconderia</p> <p>dizendo, ó Noé, salve as vidas para nós. Não</p> <p>dei ouvidos às palavras de um deus</p> <p>fui até a arca, retirar as conchas</p> <p>e o barro dos olhos dos mortos</p> <p>abro para suas profundezas o dilúvio</p> <p>sussurro em suas veias que nós</p> <p>voltamos da errância, saímos de cavernas</p> <p>trocamos o céu pela vida</p> <p>navegamos sem temor</p>	<p>II</p> <p>لَوْ رَجَعَ الزَّمَانُ مِنْ أَوَّلٍ</p> <p>وْغَمَرَتْ وَجْهَ الْحَيَاةِ الْمَيَاةِ</p> <p>وَارْتَجَّتْ الْأَرْضُ وَخَفَّتْ الْإِلَٰهَ</p> <p>يَقُولُ لِي يَا نُوحُ أَنْقِذْ لَنَا</p> <p>الْأَحْيَاءَ - لَمْ أَحْفَلْ بِقَوْلِ الْإِلَٰهَ</p> <p>وَرُحْتُ فِي فُلْكَ ، أَزِيحُ الْحَصَى</p> <p>وَالطِّينَ عَنْ مُحَاجِرِ الْمَيِّتِينَ</p> <p>أَفْتَحُ لِلطُّوفَانِ أَعْمَاقَهُمْ،</p> <p>أَهْمَسُ فِي عُرُوقِهِمْ أَنَّنَا</p> <p>عُدْنَا مِنَ الْتَبِيهِ، خَرَجْنَا مِنَ الْكَهْفِ</p> <p>وْغَيَّرْنَا سَمَاءَ السَّيْنِينَ ،</p> <p>وَأَنَّا نُبْجِرُ لَا نَنْتَنِّي رَعْبًا</p> <p>وَلَا نُصْغِي لِقَوْلِ الْإِلَٰهَ</p> <p>مَوْعِدُنَا مَوْتٌ ، وَشَطَانُنَا</p>

<p>sem atender às palavras de Deus</p> <p>nosso compromisso é com a morte,</p> <p>nossa praia é um desespero conhecido, nos</p> <p>contentamos com isso</p> <p>um mar congelado, duro como a água</p> <p>atravessamos</p> <p>do início ao fim</p> <p>do principio</p> <p>e não demos ouvido àquele deus</p> <p>buscamos um novo Senhor, diferente deste.</p>	<p>يأسُ ألفناه ، رضينا به</p> <p>بحراً جليدياً حديدَ المياه</p> <p>نعبره نمضي إلى منتهاه،</p> <p>نمضي ولا نصغي لذاك الإله</p> <p>تقنا لى ربٍّ جديدٍ سواه.</p>
--	---

6 Bibliografia

- ADONIS, **Canciones del Mihyar el de Damasco**. Tradução parcial e prólogo: Pedro Martínez Montávez. Madrid: Instituto hispano – árabe de cultura - IHAC. 1968.
- _____. "Language, Culture and Reality". Tradução: Nancy Berg. **Alif: Journal of Comparative Poetics**. The Third World: Literature and Consciousness. No. 7. Beirute. 1987.p. 112-120.
- _____. **Aššaʿrīat alʿarabīat**. Beirut. Dār Aladab. 1989.
- _____. "Poetry and Apoetical Culture". Tradução: Esther Allen. **Conjunctions**. Other Words. No. 19. New York. 1992. p. 303-315.
- _____. **Alʿamāl aššaʿrīat alkāmilat**. Damasco: Dār Almadà. 1996.
- _____. **Poesía y poética árabes**. Apresentação e tradução do árabe: Carmen Ruíz Bravo Villasante. Madrid: Ediciones del Oriente y Mediterráneo. 1997.
- _____. **Chants de Mihyar le Damascène**. Tradução: Jacques Berque e Anne Wade Minkowski. Líbano: Gallimard. 2002.
- _____. **Mihyar of Damascus: his songs**. Tradução: Adnan Haydar e Michael Beard. Nova York: BOA Editions Ltda. 2008.
- _____. **Poemas**. Organização e tradução do árabe: Michel Sleiman. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.
- ALCORÃO. Tradução: Helmi Nasr. Medina: Fundação Rei Fahd Abdul Aziz. 2003.
- ALHUSAMI, M. A. A. H. "Arabic and English Literary Modernisms: Points of Convergence and Divergence". **International Journal of Language and Literature**. Vol. 4, No. 1, Paris. 2016.

- ALI, Y.M.N. "Mystique in Arabic Poetics An Inquiry into Cultural Dominant". **Advances in Literary Faculty of Arts**, Hodeidah University, Hodeidah. 2015. p. 15-37.
- ALLEN, Roger. **An Introduction to Arabic Literature**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.
- ALMUSAWI, Muhsin, **Arabic Poetry - Trajectories of Modernity and Tradition**. Londres: Routledge. 2006.
- _____. "Engaging Tradition in Modern Arab Poetics". **Journal of Arabic Literature**, Vol. 33, No. 2. Leiden. Brill. 2002.
- ALSHAER, Atef. "Adonis". The Literary Encyclopedia. SOAS, University of London. Londres, 2014. p. 11-18.
- ANDRADE, Mário. "A escrava que não é Isaura" em **Obra Imatura**, São Paulo: Liv. Martins Ed., Brasília: MEC/Instituto Nacional do Livro. 1972. p. 55.
- ARABI, Racha. "Adonis - Poetics of Vision and Modernity". **Academic Works - CUNY**. Nova York, 2015. p. 77-102.
- ASFOUR, John Mikhail. **An anthology of Modern Arabic Poetry 1945-1984 with a critical introduction**. 1984. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de McGill, Departamento de língua inglesa, Montreal.
- AYUSO, Federico Arbós. "Tres calas en la producción poética de Adonis" em **Anaquel de estudios árabes**. vol. 17. 2006. p. 25 – 45.
- _____. Prólogo em **Árbol del Oriente**. Prólogo e Tradução: Federico Arbós. Madrid: Visor Libros, 2010.
- BADAWI, M.M. **A critical introduction to Modern Arabic Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.
- _____. **The Cambridge History of Arabic Literature Modern Arabic Literature**. New York. Cambridge University Press 1992.

- BENJAMIN, Walter. **A Tarefa do Tradutor**. Belo Horizonte, Fale/UFMG, 2008.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar** – A aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras. 1986.
- BOULLATA, I. J. “Contemporary Arab Writers and the Literary Heritage”. **Journal of Middle East Studies**. Vol. 15, No. 1. Nova York. 1983. p. 32.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária**. São Paulo: Perspectiva, 2010a.
- _____. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 2010b.
- CORRAO, F. M. “Šiʿr Poetics in progress”. **Quaderni di Studi Arabi**, Vol. 18, Literary Innovation in Modern Arabic Literature. Schools and Journals. Trento. 2000.
- FAKHEDDINE, Huda. “The prose poem and the Arabic literary tradition”. **Middle Eastern Literatures**. Department of Near Eastern Languages and Civilization. The University of Pennsylvania. Pennsylvania. 2016.
- _____. “Two Projects of Modernism in Arabic Poetry”. **Metapoesis in the Arabic Tradition: From Modernists to Muḥdathūn**. Brill, Leiden. 2015.
- FURANE, Khaled. “Rhythms of the Secular The Politics of Modernizing Arab Poetic Forms”. **American Ethnologist**. Vol. 35, No. 2. Tel Aviv. 2008.
- GELDER, Geert Jan Van. **Classical Arabic literature: a library of Arabic literature anthology**. Nova York: New York University Press, 2013.
- GOUHAR, S. M. “Modernist Arabic Literature and the Clash of Civilizations”. **Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities**, Dubai. 2009.
- HABCHI, Sobhi. **Les Fils D’Ophée du Mont Liban aux Amériques**. Un siècle de poésie et de poétique entre traditions et modernité. Paris: Librairie D’Amérique et D’Orient, 2004

- HAMDAN, Yousef H. **The Impact of Anglo-American New Criticism on Modern Arabic Discourse: The Case of *Šīr* (Poetry Magazine)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Orientais) Universidade de Edimburgo.
- HAYDAR, A. “What is modern in Modern Arabic”. **Al-'Arabiyya**. Vol. 14, No. 1/2. Washington: Georgetown University Press, 1981.
- JABRA, I. J. “Modern Arabic Literature and the West”. **Journal of Arabic Literature**, Vol. 2. Oxford. 1971.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Prefácio e Tradução: Izidoro Bilkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2001.
- JANABI, Abdul-Kader El. **Le poème arabe moderne**. Paris: Maisonneuve & Larose, 1999.
- JAYYUSI, Salma Khadra. **Modern Arabic poetry – an anthology**. Nova York: Columbia University Press, 1987.
- JUBRAN, Safa Abou-Chala “Para uma romanização padronizada de termos árabes textos de língua portuguesa”. **Tiraz. Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio**. Ano 1, p.17-28. São Paulo. 2004.
- LARANJEIRA, Mário. **Poética da tradução**. São Paulo. EDUSP. 2003.
- LEWIS, G. “Iram” in **Encyclopaedia of Islam** v. 3. Leiden: Brill. 1986. p.894.
- MASARWAH, Nader. “The Use of Ancient Myths in Modern Poetry-The-Myth of Sisyphus As a Case Study”. **European Journal of English Language and Literature Studies** Vol.3. No.2. Londres. 2015.
- MERSAL, Iman. “Reading the Qurān in the poetry of Adonis”. **Middle Eastern Literatures; Department of Modern Languages and Cultural Studies**, University of Alberta, Edmonton. 2012.
- MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução: Jerusa Pires Correa e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva. 2010.

- MOOR, Ed De. "The rise and fall of the review *Šiʿr*" em **Quaderni di Studi Arabi**. Vol. 18. Literary Innovation in Modern Arabic Literature. Schools and Journals. 2000.
- MOREH, Shmuel, **Modern Arabic Poetry: 1800 – 1970: the Development of Its Forms and Themes Under the the Influence of Western Literature**. Leiden: Ed. Brill Archive, 1976.
- PAZ, Octavio. **Tradução, Literatura e Literalidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- _____. **Signos em Rotação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- ROTTERS, Daniel. "Arabic Poetry as a possible Metalanguage for Intercultural Dialogue. Arab-West". **Report of Cambridge University Press**. Cambridge. 2009.
- SALAMEH, Franck. "Adonis, the Syrian Crisis, and the Question of Pluralism in the Levant". **Bustan: The Middle East Book Review**. Boston College, Massachusetts. 2014.
- SALHA, Moutassem. **The poetry of Adonis in translation: an analysis**. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes) Universidade Central de Lancashire.
- SHBOUL, Ahmad. "The arab poet and the city modernism and alienation". **Literature and Aesthetic**. Nova York. 2005.
- SIMAWA, Saadi A. "Modernism & Metaphor in contemporary Arabic Poetry". **Grinnell College - Iowa**. 2011.
- SLAITIN, Wafik. "On Sufi Contextuality: Contextuality of Scruple in the Songs of Mahyar the Damascene" **Associate Professor, Department of Arabic, Faculty of Arts and Humanities**, Tishreen University, Lattakia. 2015. p. 45 -62.
- STEWART, D. J. "Sajʿ in the Qurān Prosody and Structure". **Journal of Arabic Literature**, Vol. 21, No. 2. Leiden. 1990.
- WARDEN, NADIA. **The Problematic of Turāt in Contemporary Arab Thought: A Study of Adonis and Hasan Hanafi**. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Estudos Islâmicos, Universidade de McGill, Montreal.

- WEIDNER, S. “The Divinity of the Profane: The Representations of the Divine in the Poetry of Adonis - Representations of the Divine”. **Arabic Poetry**. Edição: Gert Borg e De Moor. Amsterdam: Rodopi, 2001.
- YOUNG, Terri De. “Upon One Double String The Metaphysical Element in Adonis Poetry” **Al-'Arabiyya**, Georgetown University Press. Vol. 27, Washington. 1994. p. 66.
- ZEIDAN, Joseph. “Myth and Symbol in the Poetry of Adonis and Yūsuf al-Khāl”. **Journal of Arabic Literature**, Vol. 10. Oxford. 1979.
- ZEID, Kareem James Abu. **Poetry as Spiritual Practice: The Poetics of Adonis and Yves Bonnefoy**. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) Universidade da Califórnia, Berkeley.